

## ANEXO 2: Dados Coletados no Período de Intervenção na Lista do MetaReciclagem – 05/03/2010 a 22/06/2010

metareciclagem desde 2002

Blog Wiki Pessoas ConectAZes Esporos Imagens Links Contato

Home » Grupos » Mutirão da Gambiarra

**Login do usuário**

Nome de usuário: \*

Senha: \*

Login

Log in using OpenID

- Criar nova conta
- Solicitar uma nova senha

**Rede MetaReciclagem**

- ▶ Meu perfil
- ▶ Mapa
- ▶ Blogs
- ▶ Conversas
- ▶ Links

**Zonas de Colaboração**

Enviado por [felipefonseca](#) em sex, 05/03/2010 - 12:14 [academia](#) [linkania](#) [metareciclagem](#)

Hernani Dimantas está desenvolvendo sua tese de doutorado com foco nas Zonas de Colaboração da MetaReciclagem. Parte do processo é ouvir as diversas pessoas que em algum momento estiveram envolvidas com a rede MetaReciclagem. Conversamos (Mutirão da Gambiarra) com Hernani sobre abrir esse levantamento, fazê-lo em rede. A ideia então é fazê-lo por aqui, e eventualmente isso virar mais uma publicação do Mutirão da Gambiarra.

Para responder, você pode enviar um comentário abaixo, responder pela lista de discussão, postar no seu próprio blog (e adicionar o link aqui no wiki). Se nenhuma dessas opções parece fácil, você pode enviar para mim (efeefe) por email.

As perguntas são bastante simples, pra dar espaço pra interpretações amplas. Solte o verbo:

- 1) Os debates que aconteceram e que acontecem no MetaReciclagem (listas, conversas, encontros, palestras) contribuíram ou contribuem para gerar apropriação da tecnologia e transformação social? Em que sentido? Dê exemplos.
- 2) Na sua opinião, as características da rede (multiplicidade, compartilhamento, produção de subjetividade, conversação) são capazes de gerar transformações e intervenções no contexto social, econômico da realidade

**Mutirão da Gambiarra**

- You must register or login in order to post into this group.

**Blog**

- O caminhar em Guaxupé
- Editais - Funarte / Minc
- Projetos de abril
- Teoria Ator-Rede, Organizar, Identidades
- Drupal e mapas livres

**Comentários recentes**

- Resposta Fernanda Scur há 4 dias 1 hora
- Zonas de Colaboração: respo: sem recesso há 4 dias 21 horas
- PDF há 6 dias 17 horas

Concluído

Zonas de Colaboraça... Sem titulo - Bloco d... Oxford Advanced Le... intervencao\_inicial\_... PT Endereço

### Zonas de Colaboração

Enviado por [felipefonseca](#) em sex. 05/03/2010 - 12:14

- [academia](#)
- [linkania](#)
- [metareciclagem](#)

Hernani Dimantas está desenvolvendo sua tese de doutorado com foco nas Zonas de Colaboração da [MetaReciclagem](#). Parte do processo é ouvir as diversas pessoas que em algum momento estiveram envolvidas com a rede [MetaReciclagem](#). Conversamos (Mutirão da Gambiarra) com Hernani sobre abrir esse levantamento, fazê-lo em rede. A ideia então é fazê-lo por aqui, e eventualmente isso virar mais uma publicação do Mutirão da Gambiarra.

Para responder, você pode enviar um comentário abaixo, responder pela [lista de discussão](#), postar no seu próprio blog (e adicionar o link aqui no wiki). Se nenhuma dessas opções parece fácil, você pode enviar para mim (efeefe) por email.

As perguntas são bastante simples, pra dar espaço pra interpretações amplas. Solte o verbo:

1) Os debates que aconteceram e que acontecem no [MetaReciclagem](#) (listas, conversas, encontros, palestras) contribuíram ou contribuem para gerar apropriação da tecnologia e transformação social? Em que sentido? Dê exemplos.

2) Na sua opinião, as características da rede (multiplicidade, compartilhamento, produção de subjetividade, conversação) são capazes de gerar transformações e intervenções no contexto social, econômico da realidade brasileira? Como? Dê exemplos.

Grupos:

- [Mutirão da Gambiarra](#)
- Por favor, [se logue](#) ou [se registre](#) para poder enviar comentários.
- 1.146 leituras.

As *respostas* e *discussões* dos participantes da Lista do MetaReciclagem que passaram a constituir o corpus da pesquisa foram extraídas de threads (fluxos de conversa) da lista de discussão do MetaReciclagem e estão apresentadas abaixo em sequência de ordem cronológica (datas, meses) de acordo com as postagens, trocas de e-mails recebidos, posts em blogs, a partir da data inicial de intervenção na qual foram feitas as perguntas aos participantes - dia 05/03/2010.

Foi dado um período de três meses para as realizações das discussões sobre o tema pesquisado, até o dia 31/06/200/10. As respostas também estão disponíveis na Internet em: [http://rede.metareciclagem.org/wiki/Zonas-de Colaboração](http://rede.metareciclagem.org/wiki/Zonas-de_Colabora%C3%A7%C3%A3o) Acesso em 15 jul. 2010.

**RESPOSTA 1:**

Título do Post: [Zonas de Colaboração](#)

Data: sab, 06/03/2010

Hora: 16:20

Autor(a): [bailux](#)

A lista metareciclagem ao longo destes quase cinco anos de bailux foi uma forte aliada na minha decisão de aplicar a metodologia da autonomia e desmonte das caixas pretas aqui no bailux, o sentimento de solidariedade que flui pela rede fortalece o desejo de compartilhar e imprimir um forte sentimento de comunidade, na minha prática sem o sentimento de bando seria impossível continuar nas trincheiras metaresx, se fortalecermos o sentido de comunidade estaremos criando economia social.

vamo q vamo

o bando bailux <http://www.flickr.com/search/?q=bailux&page=1>

## **RESPOSTA 2:**

Título do Post: [Começando](#)

Data: sab, 06/03/2010

Hora: 16:28h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Então vamos nessa.

Camarada Hernani, bacana essa discussão em Rede, a produção deste texto no aberto. Muitas expectativas aqui nesta conversa.

Pra começo seria bom ter as suas definições ou conceitos de apropriação da tecnologia e transformação social, não? A partir daí poderíamos iniciar o debate.

Segundo, quero implicar um pouco, apenas como forma de aprendizado pessoal, com a possibilidade de definir as características da rede. Assim, da forma que está colocado, me parece que não há problema nenhum em definir o que é a rede.

Portanto, agradeceria que você nos remetesse a algo que já escreveu ou enviasse algum arquivo onde define "rede" para este contexto até chegar a essas características. Pode ser?

Por último, a segunda questão remete ao mesmo problema da primeira. Que definições cabem para "transformações e intervenções no contexto social, econômico da realidade brasileira"? E por que o foco no "social" e "econômico" como duas coisas separadas? Ou ainda, seguindo esta lógica, porque o "cultural" ou "político" não interessam neste momento?

abraço,

Orlando

### **RESPOSTA 3:**

Título do Post: [Orlando, valeus os](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 10:06h

Autor(a): [hdhd](#)

Orlando, valeus os comentários e o pedido para complementar o post. Realmente, muitas das considerações estão nos escritos da tese. Eu parto de uma análise sobre a cultura hacker. O hacker como artesão da tecnologia. Que ocupa os espaços informacionais. Diminui as distâncias entre seres humanos. As redes que agora conhecemos fazem parte desta reflexão. Logo, o conceito de rede carrega as tintas da Linkania. Um movimento que contempla as conversações como o mecanismo de construções de relações e links.

Estamos abrindo novas possibilidades de expressar de forma menos sutil sobre a derrocada democracia, sobre descentralização do poder e sobre o diálogo de uma nova ética hacker com as instituições. Na verdade, esse tem sido o meu trabalho nesses últimos tempos. Tenho trabalhado a articulação do [MetaReciclagem](#) (e de todos os Metas com as instituições estabelecidas, ou seja, governo federal, estadual e municipal, ONG's, academia...). Optamos pela conversação ao invés da negação. Não é um diálogo tão amigável, pois estamos propondo a apropriação e ocupação de espaços que até hoje eram fisiológicos. Nosso trabalho pressupõe transversalidade. Um corte na ferida dos esquemas políticos. Um outro agenciamento. Uma outra incursão na microfísica do poder.

Nesse sentido, o [MetaReciclagem](#) como um pseudo - grupo nômade, com idéias com origem na cultura hacker tem participado de algumas decisões sobre tecnologia social em quase todas as instâncias institucionais. Nesse sentido, o projeto está diretamente relacionado com as políticas públicas.

O [MetaReciclagem](#) emergiu nesta lógica. . Uma articulação em rede que faz eco às propostas da apropriação da tecnologia social. É importante pensar que tecnologia social deve ser vista como processo, um movimento a partir da apropriação da

tecnologia. Faz parte da consolidação da rede/sociedade. Numa ação crítica e na compreensão da apropriação de tecnologia como fenômeno social.

## **Resposta 4:**

Título do Post: [Rede de conversas](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 14:49h

Autor(a): [bailux](#)

hdhd e bando,

"tecnologia é mato o que importa são pessoas" #Dp

Toda trajetória do bailux está nesta tentativa de entender as redes, desde o início foi um primeiro sinal de um nomade deixado em um mural do portal sampa.org <http://www.cidec.futuro.usp.br/artigos/artigo4.html> que instigado em querer saber mais sobre softlivre recebi um link do nosso querido Adilson me direcionando para a comunidade metareciclagem iniciando uma aventura que só cresce e se multiplica. As estratégias sempre foram de partir do "puxadinho" e da Gambiarra, simples assim, parte-se do mínimo e da carência e vamos conectando pessoas em dois eixos no virtual e no presencial, a rede virtual se multiplica mais rápido já no presencial precisamos de paciência, todos são bem vindos a colaborar no que podem - uma rede colaborativa de competências e espírito de solidariedade, foi assim ao longo de anos que saímos de um canto com uma bancada no meu atelier para um barraco de canteiro de obra dentro de uma área verde no arraial d'ajuda, um amigo presidente da sociedade de amigos do arraial me cedeu o espaço, a prefeitura entrou com a luz e água pela motivação de um pai eletricista da administração pública, um servidor local entrou com sinal de internet a comunidade compareceu com sucatas de hardware que separado o lixo aproveitamos e montamos algumas máquinas para acesso à net, um hacker do Silicon Valley, morador do arraial chegou com os conhecimentos do código e criamos nosso primeiro grupo inicial de replicadores, ação na qual nos encontramos no momento que é a formação deste grupo inicial na metodologia metareciclagem de autonomia e multiplicação do conhecimento. Neste ano que se inicia novos aliados chegam, professores universitários, ONGs de apoio logístico e financeiro para oficinas e melhorias do espaço do hacklab. Só agora temos material suficiente para nossas primeiras

abordagens na políticas públicas que passam pelo o que fazer com o Lixo eletrônico que a comunidade gera continuamente e que o bailux nestes dois anos de doações muito de que recebemos é o lixo eletrônico. Outra vertente é a aproximação de dois novos colaboradores que vem da psicologia comunitária e trabalham na prefeitura e estão motivados na aproximação da tecnologia com a inclusão social. Grande parte da documentação de nossas ações estão em fotos e alguns vídeos e áudio, crédito que este seu o texto mais longo sobre as atividades do bailux.

<http://www.flickr.com/search/?q=bailux&page=1>

vamo q vamo,

abs do bando



**RESPOSTA 5:**

Título do Post: [Opas.... bailux por aqui!!!](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 10:10h

Autor(a): [hdhd](#)

Opas.... bailux por aqui!!! Diga uma coisa... como esse processo tem impactado localmente a comunidade... sabe aquele papo ongueiro de ação local e impacto global. Tenho uma curiosidade de como o trampo de vcs tem impactado as políticas públicas da tua cidade; vc pode comentar?

## **RESPOSTA 6:**

Título do Post: [Apropriação da tecnologia social](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 10:13 h

Autor(a): [hdhd](#)

O conceito de tecnologia social engloba um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida. É importante pensar que tecnologia social deve ser vista como processo mais que uma finalidade. Um movimento em que os atores se influenciam constantemente e são capazes de tomar decisões que afetam uns aos outros especialmente por meio de intervenções comunicativas nas quais acontecem o uso, a apropriação, a revitalização ou potencialização de conexões.

São características e consequências respectivamente do movimento de apropriação da tecnologia social: (1) desenvolvimento em interação; (2) aplicação na interação; (3) apropriação pela população. Consequências: (I) apropriação do conhecimento, inovação; (II) produção de conhecimento para transformação social; (III) cidadania; (IV) alteração do modo de intervir diante das questões sociais devido ao “empoderamento” da população por meio da troca de conhecimento; (V) Transformação do modo de as pessoas se relacionarem com algum problema ou questão social.

Diante desse esboço é possível observar que qualquer projeto de inclusão digital ou social que perpassa pelo conceito de apropriação da tecnologia social deve atentar para o fato de que as técnicas e metodologias devem ser transformadoras e participativas.

## **RESPOSTA 7:**

**Título do Post:** [Representar e Ser MetaReciclagem, Rede](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 20:00h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Por que eu penso que o [trabalho de Hernani Dimantas](#) requer uma atenção especial do bando, independente das posições políticas e ideológicas de cada um? E isso importa?

Pelo que sei o Hernani está nas conversações e ações de muito do que hoje é "conhecido" como [MetaReciclagem](#) desde o comecinho do comecinho do comecinho. Ou seja, as pessoas que partilharam conversas, maquinaram juntas, propuseram e executaram as primeiras ações que compõem boa parte do que [MetaReciclagem](#) representa hoje. Eu disse "representa" e não disse "é", certo? Aliás, o que [MetaReciclagem](#) "é" continua sendo um jogo dos mais interessantes. Nessa conversa precisei pedir até ajuda no twitter para conseguir usar o verbo "ser", o que acabou resultando em algo que o [mbraz](#) escreveu e que merece ser registrado:

*dasilvaorg*: qdo digo que algo representa a metarec digo: é uma representação da metarec. Se eu quiser dizer que algo é a metarec, direi?  
*mbraz*: responderei por mim mesmo, ok, nao pela metareciclagem. Uso o verbo fazer, algo faz a metareciclagem e etc. Poderia ser produzir tambem, pois e' diferente de trabalho, representacao do produzir. Já' usei tambem 'acontecer', pois processo e nao produto. Ex, o encontrao de pessoas em Arraial 'aconteceu' na metareciclagem. Nao sei se ajudo, mas preciso acontecer metareciclagem em sp agora, ok ?

Quando eu falo em "representação", intuitivamente, sem nenhum contexto teórico acadêmico, penso em "imagem mental", "significação subjetiva", "apropriação particular e contextual". Quando eu falo em "Ser" aí tudo fica mais complicado e

intrigante. E se eu pensar no nome "rede" essa complicação começa a ficar ainda mais intrigante e instigante.

Até agora não me resolvi ainda com esse "Ser" rede. As conversas que vi em torno de Redes Sociais não me convencem. E a conversa que mais tem me convencido até agora, que é a das redes da Actor-Network Theory (conhecida por mim basicamente pelo trabalho de Bruno Latour) requer associações com as quais eu ainda tenho bastante dificuldade em trabalhar com. Aparências de inconsistência de um lado e aparências de consistência de outro, sendo isto algo altamente subjetivo (aliás o que é o objetivo?) melhor voltar às questões do começo do texto.

Já falei que o hd está no núcleo inicial da construção da coisa ([MetaReciclagem](#)). Mas não é só isso. Ele permanece sendo respeitado, ouvido e considerado por outros que também estavam por lá e podem, a partir do que dizem os registros na Internet, ser considerados o núcleo inicial de toda esta "representação" do que temos aqui. Penso que só isso já seria um bom motivo para refletirmos sobre a importância ou não de colaborar com seu trabalho. Mas tem mais que isso. E para ampliar esta estória quero acrescentar mais dois nomes: [Felipe Fonseca](#) e [Dalton Martins](#).

Hernani Dimantas, Felipe Fonseca e Dalton Martins têm mais alguma coisa em comum do que "[MetaReciclagem](#)". O que? O [Weblab.tk](#). Penso que esse é um ponto que merece destaque na conversa. Aqui ou acolá toco no nome Weblab.tk, mas sempre evito dar ênfase porque a forma como vejo isto me parece ainda fortemente associada a um contexto século XX. Mas aqui e agora me parece o lugar e o momento certo de falar disto pensando em clarear visões juntos. Ainda que atualmente eu esteja um pouco desencantado e não espere mais que alguém que pudesse a vir a clarear isto junto chegue a ler este texto e interagir (muito texto, pouco status do escritor), o que me faz insistir na escrita talvez seja esta noção de que fatos são construções e, portanto, se for fato de que [MetaReciclagem](#) seja (agora o verbo ser) algo diferente, em termos da administração, do que eu interpreto como século XX way, isto é também uma construção.

Indo direto ao ponto. Existem três pessoas, as que eu já mencionei, que estão fortemente associadas às "representações" [MetaReciclagem](#). Ao mesmo tempo, estas três pessoas hoje trabalham juntas em algo que tem o nome de Weblab.tk. Quando eu começo as associações por aí vejo uma "Rede" interessante e, na minha percepção, altamente influente em algumas coisas que se combinam a partir dos nomes: Políticas Públicas, Inclusão Digital e Cultura Digital (só pra sintetizar em 3), e que merecem no mínimo ser discutidas por quem está aqui numa "representação" [MetaReciclagem](#).

Esta é uma chance de jogarmos luz em algumas coisas, penso eu. Weblab.tk é certamente só uma dimensão. Dimensão? Uma das que me chamou a atenção dentre outras como: [des\).\(centro](#), [Estudio Livre](#) ou [Orquestra Organismo](#), por exemplo e para ficar em nomes de "conjuntos" apenas, e não continuar na cilada de listar pessoas. Porque sei que tem tanta coisa que não vejo aí, não é mesmo? Aliás, nisto se configura a pertinência da conversa em torno do trabalho do hd. Ou seja, talvez seja apenas um querer egoísta. Mesmo assim, não cedendo às aparências, venho aqui e registro. Tem relevância? Ah... Isso, sozinho eu não tenho como dizer.

Grupos:

- [Mutirão da Gambiarra](#)
- [dasilvaorg's blog](#)

423 leituras

## **RESPOSTA 8:**

Título do post: [Contextos](#)

Data: dom, 07/03/2010

Hora: 22:31

Autor(a): [felipefonseca](#)

Ei orlando

Não sei por que, mas esse post tava fechado pra comentários. Como me pareceu uma incitação à conversação, abri os comentários de novo, e mando o meu...

Essa tua questão tem raízes em processos que ainda não foram propriamente documentados e que geraram uma série de pré-disposições que a [MetaReciclagem](#) tem até hoje, de maneira tácita. Em 2003, um grupo de pessoas começou a debater, principalmente pela internet mas também presencialmente no galpão do Agente Cidadão, sobre constituir uma organização que centralizasse as conversas sobre a [MetaReciclagem](#). O argumento era que a gente precisava se estruturar, se quisesse *competir* com iniciativas de inclusão digital. Seguiu-se um processo traumático (o metaclubedaluta) que, felizmente, *evitou* que a gente incorporasse uma organização grande e distribuída. Imagina, competir! Muito melhor era agir de forma distribuída: influenciando, infiltrando-se... De ali em diante, se refinaria cada vez mais a perspectiva de que a [MetaReciclagem](#) era um espaço coletivo, e que quaisquer grupos que quisessem se constituir (para trabalhar, receber doações e verbas, tomar decisões) poderiam fazê-lo e continuar fazendo parte da rede - mas nenhum desses grupos teria o direito de se colocar como dono ou controlador dela. É uma forma híbrida - não só organização, não só rede, mas alguma coisa no meio - que acho que constitui uma forma bem adequada para trabalhar nos dias de hoje. No dia que a gente organizar o livro da [Mutirologia](#), quero tentar contar mais sobre isso tudo.

A weblab é uma organização que se formou em outros processos, mas que dialoga com a [MetaReciclagem](#) - não a submetendo, não se submetendo a ela - como tantas outras. Ela nasceu, como entendo - mas essa história seria melhor contada por outrxs -, do Lidec, laboratório na USP, se aproximando da eCommunita, a empresa

que Dalton e Glauco tinham formado para fazer projetos em Santo André (ao mesmo tempo, mais um monte de gente que circula por aqui também abriu empresas ou organizações).

Eu tenho uma proximidade e um relacionamento óbvios com Hernani, Dalton e Glauco - e também com Drica Guzzi e Dani, também na Weblab que foi evoluindo nesses últimos anos, e daí a trabalharmos juntos foi só um passo. A Weblab tinha uma participação muito tímida nessa rede, mas minha chegada (eu, efeefe, com minha obsessão com a [MetaReciclagem...](#)) veio mudar isso.

Acho que pra quem olha de fora, o que é importante entender é que não existe nenhuma influência oculta da Weblab enquanto organização na [MetaReciclagem](#). Pelo contrário, a [MetaReciclagem](#) é que influencia a weblab, cada vez mais ;). A relação da weblab com a [MetaReciclagem](#) é nada mais do que tu comentaste aí: um laço a mais que temos eu, hd, dalton e glauco. Em essência, não diferente do que o laço que o Regis tem com os meninos do bailux, por exemplo. Além disso, a weblab cede horas do meu trabalho (muitas horas, mais do que eu poderia algum dia contabilizar) com liberdade total pra ficar viajando na [MetaReciclagem](#), sem pedir nada em troca (eu é que sugeri o logo da weblab no site do mutirão).

Enfim, valeu pelo questionamento. Vamos comentando e documentando ;)  
Abrazz

## **RESPOSTA 9:**

Título do Post: [Direto e claro](#)

Data: seg, 08/03/2010

Hora: 07:40h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Felipe,

bacana, como sempre, seu modo direto e claro de contextualizar as coisas. Também não sei porque tava fechado, não fui eu.

Fiquei pensando na sua preocupação com a visão de quem está "de fora". Em que momento eu poderia estar dando a entender que existe alguma influência oculta da Weblab (organização) na [MetaReciclagem](#). Porque eu acho que estava vendo exatamente ao contrário, [MetaReciclagem](#) influenciando os "conjuntos", não só a Weblab como eu coloco no final do texto quando falo em dimensão, questionando ao mesmo tempo a pertinência da palavra. Acho que nesse caso a influência pode estar oculta sim, ou talvez seja melhor dizer não-manifesta, não sei. Mas é na direção [MetaReciclagem](#) para "conjuntos" e não ao contrário.

Penso que o que importa aí não é influência é potência, como algo potencializa algo? E então isso vai depender do que estejamos chamando de [MetaReciclagem](#). Apesar da sua tentadora contextualização (tentadora justamente porque vem de você) "uma forma híbrida - não só organização, não só rede", me mantenho afastado de querer conceituar [MetaReciclagem](#) como organização, como rede, ou mesmo como híbrido. Para mim, agora, é apenas um nome.

O que venho interpretando e cada vez mais me interessando por (interpretando realidades a partir de um quebra-cabeças de milhões de peças sempre incompleto e mutante) é justamente como [MetaReciclagem](#) constitui "parte" (não é a palavra adequada) desses "conjuntos"? (como eu disse, para ficar em nomes de "conjuntos" fugir da cilada de continuar listando pessoas) Porque me parece que [MetaReciclagem](#) está / é uma forte associação em muitos "conjuntos".



De resto eu só queria aproveitar meu querer egoísta pra chamar mais a atenção pro trabalho do Hernani. Acredito sinceramente que na tese dele há muitas pecinhas desse quebra cabeças. Lembrando que falei em "Rede" interessante e influente em algumas coisas que se combinam a partir dos nomes: Políticas Públicas, Inclusão Digital e Cultura Digital.

## **RESPOSTA 10:**

Título do Post: [Hudson na área ...](#)

Data: seg, 08/03/2010

Hora: 12:30h.

Autor(a) [hudson](#)

1) Os debates que aconteceram e que acontecem no [MetaReciclagem](#) (listas, conversas, encontros, palestras) contribuíram ou contribuem para gerar apropriação da tecnologia e transformação social? Em que sentido? Dê exemplos.

Falar em Metareciclagem é contar um pouco da minha história de vida, pois ela faz parte do meu dia-a-dia atualmente. Pois foi através desta lista que comecei a me nortear o meu futuro e ver que poderia ter possibilidade de aprender e ensinar a outras pessoas, foi onde aprendi a importância das pessoas em frente a tecnologia. Pois foi em uma oficina de Inclusão Digital que ouvi a primeira vez a palavra Metareciclagem e que trabalha com pentium 486 e na época era o meu sonho de consumo...entrei e acessei na rede e encontrei pessoas que tinham muito mais a ensinar do que simples comando de computador e sim ideias que poderiam transformar uma pessoa e se apropriar da tecnologia para promover seu bem estar e fui onde me vi dentro deste contexto, uma pessoa sem computador e sem acesso a tecnologia, mas com grande motivação. Foi três anos lendo e aprendendo pela lista, a importância da tecnologia na vida das pessoas e mais interessante que poderia utilizar a tecnologia "ultrapassada", foi quando resolvi colocar em prática a falar a pessoas como era o contexto Metareciclagem na minha visão e como estava transformando a minha vida, e cada vez mais links surgiam e cliques e leituras off-line, tudo através da rede, onde pessoas de diferentes níveis sociais, experiências diversas, estavam focadas em transformarmos a sociedade da informação, não desprezando a tecnologia passada, mas sim mesclando o passado com o atual e priorizando as pessoas e suas respectivas conversas.

Foi através desta rede que através do Dalton, pude realizar a minha primeira experiência de transformação social, na qual tive o prazer de participar da implantação do Metareciclagem em Sorocaba (sendo um sonho que através da

rede, foi concretizado) onde seria um dos passos a criação de uma política pública utilizando os conceitos do Metareciclagem a fim de transformar socialmente um dos bairros mais violentos e durante 04 meses na minha visão conseguimos realizar, mesmo devido a problemas politicos (pois o difícil era visualizar que o importante eram as pessoas e não as ferramentas), conseguimos alterar o contexto social e economico de um bairro, onde os jovens viram um outro horizonte além da violência, drogas, crimes e sim que poderiam se inserir na sociedade e a tecnologia era esta ponte (maiores detalhes em <http://www.metasorocaba.ning.com> e <http://metasorocaba.blogspot.com>), mas foi além pois quando percebi os meus filhos já estavam realizando metareciclagem e me ajudando a tentar entender o que é a metareciclagem (e com certeza nunca venha a entender) e até ao ano passado concluir a minha graduação, onde os conceitos que surgiam da lista e das conversas dos participantes, iam para a sala de aula e sempre se confrontavam com os ideais dos academicos em não se preocupar primeiramente com as pessoas e depois na tecnologia a ser implementada.

Em tudo este tempo a lista do metareciclagem é a minha referência, é onde estão os amigos virtuais e alguns presenciais e que a cada dia me motiva a batalhar e acreditar em cada ação a ser realizada, tanto que atualmente estou migrando para a área da educação, onde vejo que os conceitos do meta pode ser ampliados em especial ás pessoas com deficiência a fim de supera-lás utilizando a tecnologia....não seri se isto responde as duas perguntas, mais vamo que vamo, lendo, refletindo e escrevendo....

**RESPOSTA 11:**

Título do post: [Linkania](#)

Data: seg, 08/03/2010

Hora: 16:37h

Autor(a): [bailux](#)

Penso que o tempo todo o que fica é a possibilidade de criar redes de conversas, conectar pessoas e motivações de transformar e mudar uma realidade adversa a todos, a necessidade de ir até o outro e compartilhar, criar bandos generosos.

abs,

bailux

## **RESPOSTA 12:**

**Título do Post:** [Respostas](#)

Data: seg, 08/03/2010

Hora: 17:54h

Autor(a): [mairabegalli](#)

aqui: <http://bikini.veredas.net/2010/03/zonas-de-colaboracao-da-metareciclagem...>

### Zonas de Colaboração da MetaReciclagem

No final de semana o hdhd mandou o email abaixo na lista da MetaReciclagem.

"Metarecs...

Nestes últimos anos tenho trabalhado na tese de doutorado com foco nas Zonas de Colaboração da MetaReciclagem. Estou, agora, na fase da pesquisa de campo propriamente dita. Ou seja, no processo de ouvir as diversas opiniões de pessoas que em algum momento estiveram envolvidas com a rede MetaReciclagem. Conversei muito com o Felipe Fonseca para entender qual seria a forma mais transparente, inclusiva e colaborativa para coletar tanta informação. A premissa é abrir a proposta para a rede. A ideia é fazer dessa coleta uma publicação do Mutirão da Gambiarra e dar continuidade as histórias da metareciclagem. No wiki do [mutirão postamos uma chamadinha](#) ;)

Para participar desse levantamento basta comentar as duas questões abaixo, seja respondendo pela lista de discussão, ou postar no seu próprio blog (e adicionar o link aqui no wiki). Se nenhuma dessas opções parece fácil, você pode enviar para o efeefe (que gentilmente propôs ajudar na compilação dos dados) por email.

As perguntas são bastante simples, pra dar espaço pra interpretações amplas. Solte o verbo, bote a boca no trombone. Quanto mais generosa for a resposta... melhor. Pois, de certa forma essa é a nossa história".

Conversei com ele e [sugeri isso aqui](#)

Eis as minhas respostas:

1) Os debates que aconteceram e que acontecem no MetaReciclagem (listas, conversas, encontros, palestras) contribuíram ou contribuem para gerar apropriação da tecnologia e transformação social? Em que sentido? Dê exemplos.

R: Sim, contribuem. E certamente já não conseguimos mais mensurar a dimensão dessas apropriações. Meninos num container em Arraial d' Ajuda fazem MetaReciclagem, mas também fazemos num evento como Campus Party, ou em encontros internacionais. O que é MetaReciclagem, talvez tenha a ver com algo de trazer o mistério para maquinidade óbvia, mesclar o humano com o hiperreal, refazer o desfeito.

2) Na sua opinião, as características da rede (multiplicidade, compartilhamento, produção de subjetividade, conversação) são capazes de gerar transformações e intervenções no contexto social, econômico da realidade brasileira? Como? Dê exemplos.

R: Ah, vou citar o dpadua aqui que um dia, faz pouco tempo, me disse: "*metarecicleiros transmutam a parada, raqueiam as coisas*". Tenho visto que é por aí. Assim, a principal característica da rede é se infiltrar em todas as possibilidades e fazer barulho em todas elas :)

Publicada por Maira Begalli em [17:34](#) .

# [fluxos](#), [metareciclagem](#)

## **RESPOSTA 13:**

Título do Post: [Seguindo](#)

Data: ter, 09/03/2010

Hora: 19:42h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Hernani continuo no pensamento:

<http://reacesso.webnos.org/2010/03/09/representacao-e-natureza-metarecic...>

abraço

Acho que a minha própria experiência [MetaReciclagem](#) já é algo que soma mais uma resposta nos [breves questionamentos do Hernani](#). Breves porque quem já viu questionários, formulários de pesquisa acadêmica por aí, sabe que o povo perde a noção. Vou acrescentar minhas respostas, com o máximo de detalhes que conseguir, mas, por enquanto, ainda estou pensando aqui: por que não há um volume de respondentes perto do nível que meu imaginário projeta? O que me dá essa referência de que há muito, muito mais pessoas que podem vir aqui e responder? Sempre fico matutando sobre isso com [a lista](#) também, ou com os [#mutsaz](#). Quem responde e quem não responde a determinadas conversas. Por que? Esse foi o pensamento principal por trás do meu post: [Representar e Ser MetaReciclagem](#), Rede.

Ligo Hernani, Felipe e Dalton (tem mais gente, claro, como o Felipe me lembrou no [seu reply](#), Glauco Paiva. Sim, o Glauco também me parece um nome importante no contexto *Origens Metareciclagem / Weblab*, mas talvez por alguns detalhes de interações *on e off-line* me fixei em três. É como se aqui, à distância, conforme eu fosse lendo, vendo, ouvindo interagindo com as coisas [MetaReciclagem](#), os nomes Felipe, Dalton e Hernani estivessem mais acentuados na minha *tag cloud*, entende?). Aponto para a [Weblab](#) porque o contexto “Inclusão Digital” é minha preocupação central desde que comecei as interações em rede. E neste ponto a *tag*

*cloud* está mais acentuada para a Weblab. Assim, acho que acabo diferenciando as noções de “representação” e “natureza” [MetaReciclagem](#).

A “natureza” [MetaReciclagem](#) não é alcançável, mas as “representações” [MetaReciclagem](#) podem ser contextualizadas. O que quer dizer que são sempre provisórias e incompletas. Por exemplo, se essa fosse uma pesquisa do [Ricardo Ruiz](#), eu apontaria para outro “agrupamento”, provavelmente veria uma outra força de associações e também provavelmente com outras pessoas e não-pessoas associadas (Ainda que o Felipe me pareça presença constante). É complicado de explicar, mas, pelo tanto que eu escrevo por aí e aqui das minhas percepções, o que não pode ser dito é que eu não estou me esforçando.

Para fechar em quatro parágrafos, e não perder o foco do [trabalho do Hernani](#), quero falar de algumas percepções de “representações” [MetaReciclagem](#) e como elas criam, para mim, a expectativa de conversas nesta ação. Uma das “representações” mais fortes para mim é [Bailux](#), que bom que pude estar por lá agora em setembro (e espero voltar). Quando o [Régis respondeu](#) ali naqueles questionamentos do hdhd, e ainda mais da forma como ele respondeu, marcou para mim uma noção de pertencimento, de “tamo junto”, que é de certa forma o que eu gostaria de ver de muito mais gente. Como eu disse no [meu post](#), *independente das posições políticas e ideológicas de cada um*. Depois teve o [Hudson respondendo](#). Hudson é força discursiva online [MetaReciclagem](#). Tem muito, muito valor nesse sentido. Enfim, as emoções e expectativas sempre estão aí. Alguém conhece o [Ian Lawrence](#)? Saudações metarecicleiras!



**RESPOSTA 14:**

Título do Post: [Encontron](#)

Data: qua, 10/03/2010

Hora: 15:52h

Autor(a): [felipefonseca](#)

dasilva, se não fossem os encontrões eu poderia te dizer que eu e mbraz (e hd, e dalton, e dpadua) somos a mesma pessoa e te deixar mais confuso ainda. mas como tu tava lá, vou reputar essas coincidências ao tempo de convívio e trocas de bits & vozes.

**RESPOSTA 15:**

Título do Post: [Engraçado, por que tô com a](#)

Data: qua, 10/03/2010

Hora:15:29h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Engraçado, por que tô com a impressão de que você e o mbraz me falaram a mesma coisa hoje?

E o pior. Por que também tô com a impressão de que isso é a mesma coisa que passei o ano passado todo ouvindo em 2 disciplinas: a) Tecnologia e Sociedade, prof. Sérgio Benício; b) Sistemas Simbólicos, prof. Cida Nogueira?

Vou dar um tempo, me afastar do assunto umas gotinhas de momentos e voltar. Reler, repensando, reescrevendo.

Gostando, mas confuso.

**RESPOSTA 16:**

Título do Post: [Identidades](#)

Data: qua, 10/03/2010

Hora: 15:16 h

Autor(a): [felipefonseca](#)

só pra antecipar uma objeção que o hd já fez a argumentos parecidos aos que eu usei no comentário anterior: quando eu falo de "identidade", não tô falando daquele sentido antigo, de separação entre indivíduo e meio, mas do que o hd costuma chamar de multiplicidade. uma identidade coletiva, de rede, cambiante, relacional.

## **RESPOSTA 17:**

Título do Post: [Segunda resposta](#)

Data: qua, 10/03/2010

Hora: 15:50h

Autor(a): [felipefonseca](#)

As características da rede são outro assunto longo... ao contrário de grupos mais focados, a Metareciclagem sempre teve uma grande heterogeneidade. Não só os tipos, como também as expectativas, posicionamentos, modos de ação e viabilização são diversos. Se isso acabou evitando que formássemos uma organização formal centralizada (como respondi ao Orlando sobre [representar & ser](#)) e nos deixou de fora de alguns círculos de decisão e poder, por outro lado nos deu uma maleabilidade e uma flexibilidade incríveis. À medida em que não temos metas globais de produtividade, captação, receita, atendimentos, ou quaisquer outras, também temos uma liberdade imensa de deixar as coisas acontecerem em seu próprio ritmo, permanecendo uma rede livre, onde o engajamento só acontece se as pessoas realmente quiserem.

Por mais que em alguns momentos a [MetaReciclagem](#) dê a impressão de se apagar, ao longo do tempo (e já passou bastante tempo) a gente tem um vetor de criatividade e inovação que continua reconstruindo a rede, realimentando novos ciclos de trocas, invenção e participação. Ainda hoje chegam novas pessoas, no início tímidas, que em pouco tempo entram no turbilhão e passam a agenciar suas ações através da rede. Por vezes aparece uma angústia por conta da própria diversidade da rede - pessoas que queriam que mais gente estivesse no mesmo nível de aprofundamento da conversa -, mas mesmo gerenciar essa tensão emergente é parte de um exercício de articulação de uma rede que vive e, para isso, precisa respirar bastante.

Em outra perspectiva, existe esse formato que eu às vezes chamo híbrido (e o Orlando parece discordar), em que temos uma construção de relação funcional, mental e afetiva entre pessoas que ao mesmo tempo que não é estruturada ou hierárquica a priori também não é totalmente solta. Assumimos formas diferentes

dependendo de quem é o interlocutor: tem gente que acredita que a [MetaReciclagem](#) é abrangente e megalomaniaca, tem gente que acredita que é ultralocal e detalhista - as duas opiniões estão certas. Como os limites entre quem está dentro e quem está fora não são dados, a gente evita de cair nas armadilhas de 99% dos projetos que se inserem no contexto social ou político: não temos um "público-alvo", não temos adversários. Na verdade, tudo isso fica parecendo defasado: no século XXI, as categorias de comportamento não fazem mais sentido.

Um caso que já contei e recontei por aí: uma ativista da Costa do Marfim, em um evento em 2005, insistia comigo que a [MetaReciclagem](#) precisava virar uma organização grande e centralizada se quisesse atuar no espaço da sociedade civil organizada, para poder influenciar políticas públicas. Eu argumentava que conseguíamos influenciar as políticas públicas justamente porque não precisávamos, como as organizações grandes e centralizadas, gastar boa parte do nosso tempo com questões de financiamento, competição, marketing e contabilidade. Acho que essa é uma linha interessante de reflexão: de maneira emergente, a [MetaReciclagem](#) propõe uma maneira de atuar nos espaços públicos - tanto físico quanto simbólico - que opera de forma totalmente descentralizada e emergente, implementando um tipo de existência e formação em rede que vai muito além da superficialidade dos novos profetas das redes colaborativas que agora ganham dinheiro dando palestras pra desavisados gerentes de RH.

Por outro lado, se não queremos criar uma estrutura própria, também não caímos na tentação de pregar a derrocada das grandes organizações e instituições. Pelo contrário, a [MetaReciclagem](#) se aproveita dos recursos delas - verbas, poder, conhecimento -, e cria circuitos paralelos de circulação da informação e de acesso a esses recursos que obedecem a outras lógicas que não as institucionais - escalada de poder, individualismo, competição. Partindo de uma base colaborativa, mas também de laços - como coloquei acima - funcionais, mentais e afetivos, a [MetaReciclagem](#) constroi uma maneira de atuar no século XXI raqueando as estruturas que estão dadas. Na minha opinião, isso é levar às últimas consequências o que significa operar em rede, em particular situando-se no Brasil e

nessa época. Escrevi dois posts de blog que falam um pouco mais sobre isso: [redes](#), [redes ps.](#)

Enfim, assunto pra longas conversas. Isso é um pouco do que espero que a gente consiga trabalhar nos próximos meses, na [publicação sobre MutiroLogia](#) do [Mutirão da Gambiarra](#).

VQV!

## **RESPOSTA 18:**

**Título do Post:** [Respostas](#)

Data: qua, 10/03/2010

Hora: 12:59h

Autor(a): [felipefonseca](#)

Uma de cada vez, então:

1) Uma questão que sempre retorna quando estou conversando sobre a [MetaReciclagem](#) é a respeito de resultados. É uma questão que se junta a outras duas (*pra que serve a [MetaReciclagem](#), o que é a [MetaReciclagem](#)*) como questões fundamentais da rede - cuja identidade se constroi muito em função das diferentes respostas que a gente dá ao longo do tempo. Basicamente, entendo que a rede atua em dois níveis - um direto, de ação prática, cotidiana, de criação de sentido, engajamento, aprendizado e descoberta. Todo o aprendizado da manipulação (com as mãos!), recombinação e transformação das tecnologias - no sentido mais amplo -, de se reconhecer no outro, no tipo de troca que só existe ao compartilhar uma mesa - de trabalho ou de bar. Nesse nível, acho que a [MetaReciclagem](#) proporciona um alto nível de apropriação de tecnologias, um tipo de aprendizado tácito que potencializa as condições para transformação social local. Virtualmente qualquer integrante da [MetaReciclagem](#) que começa a fazer a ponte entre todo mundo que está online e seu contexto local torna-se uma mola de transformação, podendo usar o conhecimento adquirido através da rede e a reputação que ela foi conquistando ao longo do tempo para respaldar suas ações locais.

O outro nível de atuação da rede é mais simbólico, que mostra as possibilidades, acabando por remover barreiras e limites. Algumas lutas que a gente travou nesses anos têm a ver com isso: reuso de hardware, software livre não só como sistema operacional mas também pra multimídia, envolver as comunidades locais de forma autônoma, não ter medo de abrir os computadores, articulação de projetos locais, ir além do uso básico da tecnologia e incentivar a invenção, inovação e criatividade nas pontas, etc. Tudo isso, que hoje parece óbvio, são ideias que enfrentavam uma rejeição muito alta quando a gente começou. Quero acreditar que, mesmo de forma

informal, indireta, às vezes nem intencional, contraditória e quase caótica, a gente conseguiu influenciar um monte de iniciativas por aí. Mas isso é bem difícil de medir. E também tem um efeito meio estranho: muitas das pessoas que entenderam dessa forma indireta não têm a mesma sensação de pertencimento à rede que as pessoas no outro nível de conversa têm. E aí vem de novo a questão da identidade da rede, de como esse cobertor [MetaReciclagem](#) se estica pra cobrir os pés de todo mundo. Acho que o Mutirão da Gambiarra tem um papel importante nesse sentido também, de promover o diálogo entre todas as iniciativas sem precisar cair na mera questão do pertencimento direto, que é bem vintesequista.



## **RESPOSTA 19:**

Título do Post: [Da ética do vamo que vamo](#)

Data: sex, 12/03/2010

Hora: 17:12h

Autor(a): [dmartins](#)

hd,

bacana e importante o chamado.

tem a ver com esse momento das nossas metareciclagens, onde cada um vem buscando diferentes formas de documentar suas pesquisas, dar sentidos aos seus pontos de vista e abrir novas possibilidades de dar visibilidade ao nosso trabalho.

segue abaixo minhas respostas para cada pergunta:

1) Minha chegada na lista do [MetaReciclagem](#) foi bem cedo, logo nos primeiros dias quando fizemos um fork na lista do Metáfora. O objetivo era evitar que ficássemos discutindo questões mais técnicas ligadas a hardware, software livre e rede na lista do metáfora e migrássemos essas conversas para outro lugar. Ocorre que acabou por acontecer o contrário, a lista do Metáfora acabou se esvaziando, pois o próprio sentido que a havia criado foi sendo dissolvido e reabsorvido dentro do [MetaReciclagem](#).

Mas, vamos a resposta da pergunta propriamente...

Os debates do [MetaReciclagem](#) são fundamentais para se pensar processos de entendimento e interpretação, ou seja, processos que ajudam a construir sentido do que é a tecnologia e de como essa tecnologia faz sentido dentro de um contexto no qual estou inserido. Me recordo bem dos primeiros momentos da lista, onde buscávamos caracterizar questões importantes sobre quais os usos técnicos potenciais de um computador para projetos de inclusão digital, que formas e que possibilidades de sistema operacional poderíamos utilizar para os projetos. Por exemplo, não era evidente e nem tampouco consensual que iríamos fazer

experimentações com o Linux. Testamos outros protótipos, inclusive de sistemas adaptados e brasileiros. Brincamos com processos de adaptação de hardware e criávamos conversas a partir disso, principalmente via email.

As conversas presenciais eram raras nesse momento. E muitas, ao meu ver, pareciam distantes o suficiente das questões que me preocupavam na época, que era como efetivamente iríamos aplicar aquilo tudo que conversávamos nos potenciais projetos que poderíamos atuar.

Sendo mais explícito, as conversas foram importantes para inspirar, estimular e ajudar a mapear boas fontes e influências de pesquisa, nas quais nos baseamos para poder realizar experiências e projetos. Outras duas coisas importantes que as conversas em rede fizeram toda a diferença foi a busca de possíveis parceiros para ajudarem a dar viabilidade material aos projetos e o processo de documentação e divulgação do que estávamos fazendo na web.

2) Sim, eu acho que essas características de rede podem gerar transformações, como já vem gerando.

Como isso acontece é uma questão interessante e que encanta pelas amplas possibilidades do que ainda podemos fazer e nem sequer começamos a experimentar. Vejamos, algumas formas que vejo que isso faz todo o sentido como um processo de mudança social:

- a organização em rede amplia a escala de distribuição, construção e documentação do conhecimento, facilitando em escala até então impossível de ser replicada o acesso a informações e a pessoas que permitem a produção de novos bens materiais, novos projetos, novas formas de nos organizarmos e de resolvermos nossos problemas cotidianos;
- novos caminhos de acesso as pessoas e suas identidades sociais em rede. Por exemplo, consigo mais fácil criar uma interferência e despertar atenção em rede do que antes. Os custos materiais, os processos de circulação e as

questões lógicas passam a ficar dissolvidas em inúmeros nós na rede, chegando a ficar praticamente de graça;

- ampliamos nossas possibilidades de produção de significado, ampliando o contato a diferentes pontos de vista, diferentes ângulos e mídias para expressão de visões. Para quem pode e quer aproveitar essa característica, a singularidade se dá na pluralidade dos links e na forma de agregá-los, criando um todo de sentido dinâmico.

**RESPOSTA 20:**

Título E- mail: [Resposta HD](#)

Autor(a): Sílvia Moan Moan

Date: 2010/3/12

Esses debates contribuem mais para construção sobre apropriação tecnológica, do que apropriação crua, direta e em si. As discussões fazem um longo caminho, entre opiniões realmente interessantes, que propõem a construção e renovação de sentidos “sobre” e outras que mais são ecos, vozes alheias que falam por falar. Arte por arte, texto por texto ou tecnologia por tecnologia, não cresce e só emesmece.

O encontro gerador resulta da arte por tecnologia e do texto x palavras. Todas as vozes, as pessoas que participam da lista, encontros e tudo mais, se concentram em nós-desatados que levam a polos distantes, sem norte e sem sul, esse conhecimento que alguns desconhecem por não participar desses encontros por não saber como é incrível o trabalho que faz e a importância dele para rede.

Então, algum nó chega lá e destrincha toda essa teoria envolta de barbaridades e beldades, transformando sim socialmente e deixando se apropriar para gerar.

Bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa.

Michel Foucault

## **RESPOSTA 21:**

Título do Post: [Tese colaborativa](#)

Data: sex, 12/03/2010

Hora: 18:09h

Autor(a): [Bicarato](#)

<http://www.alfarrabio.org/index.php?itemid=3173>

Ainda que eu não consiga absorver tudo o que é produzido e compartilhado pelos metareciclentos (incluindo os que são metareciclentos mas \*ainda\* não sabem ou ão descobriam), pra mim já é um exercício mais-que-prazeroso a maneira descentralizada como as coisas se dão (o termo é esse: \*se dão\*, despretensiosamente, às vezes) e o espírito de compartilhamento que leva à fraternidade, que aproxima amigos, que se movem pela paixão, pelo tesão. [...]

Hernani Dimantas, vulgo HdHd, tá desenvolvendo sua tese de doutorado com foco nas Zonas de Colaboração da [MetaReciclagem](#). Parte do processo é ouvir as diversas pessoas que em algum momento estiveram envolvidas com a rede [MetaReciclagem](#). Conversando com o EfeEfe, ele resolveu abrir esse levantamento, fazê-lo em rede – eventualmente, pode virar mais uma publicação do [Mutirão da Gambiarra](#).

Para responder, é só usar a [lista de discussão](#), ou postar no blog, como eu tô fazendo aqui. Depois, só mandar o link pras [Zonas de Colaboração](#)

A idéia é, a partir de duas perguntinhas simples, instigar o povo a soltar o verbo. Quanto mais interpretações, quanto mais amplas, melhor. Aceitei a provocação, e seguem meus pitacos gerados a partir de umas anotações (palavras-chave, tags...) na mesa do boteco. Seguem aí.

1) *Bicarato* – Apropriação da tecnologia é uma das ferramentas possíveis para a transformação social. Até aí, sem novidades. O que vejo – e sinto que tá

acontecendo, e quero crer que é resultado de um movimento emergente que já se esporificou e se ramificou e se multiplica exponencialmente. Nesse processo, a MetaRec, sem dúvida, merece destaque.

Ainda que eu não consiga absorver tudo o que é produzido e compartilhado pelos metareciclentos (incluindo os que são metareciclentos mas \*ainda\* não sabem ou não descobriram), pra mim já é um exercício mais-que-prazeroso a maneira descentralizada como as coisas se dão (o termo é esse: \*se dão\*, despretensiosamente, às vezes) e o espírito de compartilhamento que leva à fraternidade, que aproxima amizades, que se movem pela paixão, pelo tesão. Não me canso de repetir o Guimarães Riobaldo Tatarana Rosa:

\*A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder da continuação, porque a vida é [mutirão de todos](#), por todos remexida e temperada.\*

Falo em fraternidade, e é impossível não associar à figura de São Francisco de Assis, meu caro São Xico, que tenho pra mim um exemplo anarquista em estado puro, além de um exemplo de humildade, que sempre permeia as discussões: humildade \*intelectual\*, a partir do momento em que qualquer texto/relato de/sobre metarec é emocionante, vivo, e qualquer texto que eu tente abarcar parece, e é, pequeno diante do conjunto. Do São Xico à comunhão (outro termo proposital aqui) com cosmovisões não-ocidentais, sinto aquela quebra urgente do pensamento cartesiano, e [faz-se a magia](#).

MetaRec é aproximação e aglutinação de pessoas. Por extensão, de idéias. Há um quê de poético, de filosófico nisso tudo: é lúdico, brincante, divertido: é vida – daí a natural transformação social. A partir de exemplos vivíssimos, essa mescla de identidades e representações e manifestações parece seguir um caminho virtuoso que, contraditoriamente, vira vício – no bom sentido. Ao mesmo tempo, esse

caleidoscópio de pessoas e sensações me intriga: há uma busca incessante, um exercício cotidiano por liberdade, que ainda não descobri se é dom ou virtude (já até assuntei essa questão com meu pai, que me fritou uns neurônios).

2) *Bica* – Dentro dos papos MetaRec, alguns conceitos típicos da \*realidade brasileira\* ganham outras conotações e interpretações. Falar em gambiarra, puxadinho, parangolé, vira-lata, se-virismo tornou-se recorrente. Mas não somente no contexto social e econômico brasileiro, percebo que a MetaRec – ao lado de inúmeras outras iniciativas e movimentos e coletivos – reflete aquela urgência a que já me referi: a transformação do atual sistema, com um todo, é inevitável; não há como manter toda a sociedade, todo o planeta, num sistema baseado em princípios proprietários.

Não por acaso, pelo menos dois prêmios Nobel de Economia chamaram a atenção nos últimos tempos por adotar ou abordar métodos, digamos, pouco afeitos ao capitalismo-fominha: em 1998, o Amartya Sen, apontado como um dos pais do microcrédito e que revolucionou pequenas comunidades na Índia; em 2009, Elinor Ostrom, a primeira mulher a receber o prêmio, por estudar as práticas e conceitos dos commons.

Se esses não são indícios de que a transformação é urgente e já ocorre, não sei mais o que é – podem me chamar de Pollyanna, tudo bem, mas preciso acreditar.

Por [Paulo Bicarato](#), às 18:06 de 12.03.2010 - Categoria: [Linux Vida Open Source](#)

## **RESPOSTA 22:**

**Título do Post:** [Tentando ajudar 1](#)

Data: ter, 23/03/2010

Hora: 00:01h

Autor(a): [tatirprado](#)

Com certeza as ações – pontuais, específicas ou estendidas, de longo prazo – observadas na [MetaReciclagem](#) contribuem para gerar apropriação da tecnologia. Venho do campo da arte e, a meu ver, apropriação é quase uma “condição” e um “procedimento-padrão” (ou seria “chavão”?) na cena contemporânea. No seu sentido mais elementar, sugere e propõe a ressignificação, seja dos objetos, fatos, situações e por que não dizer de subjetividades, já que a criação e a interpretação das obras de arte estão intrinsecamente relacionadas.

Embora não tenha vivenciado o início cronológico-oficial da [MetaReciclagem](#), já ouvi dizer várias vezes que ela se baseou em, pelo menos, duas coisas: conversa e experimentação, sobre tecnologia e com as máquinas. Imagino assim, que a Rede começou com uma prática (e não uma ideia) mais tradicional em relação à tecnologia e o processo foi reafirmando a “apropriação” como um princípio fundamental. Se no início a ação era desmontar e recombinar os computadores, hoje a prática inclui diferentes fazeres, desde o fazer-fazer, até o fazer-falar e o fazer-pensar; os computadores são quase um detalhe.

Com esta ação tão abrangente, é natural que a apropriação inclua várias instâncias (provavelmente como aquelas que eu citei antes: que ressignificam dos objetos às subjetividades). O conceito de tecnologia também é igualmente amplo e não saberia dizer o que ele deixa de fora.

A propósito, acho bem difícil materializar conceitos e definições na [MetaReciclagem](#). Como dá pra notar, não há nem mesmo um consenso sobre o gênero: O



[MetaReciclagem](#) ou A [MetaReciclagem](#)? Parece uma diferença sutil, não sei se de cunho histórico ou de ponto de vista individual, mas que revela seu caráter múltiplo, impermanente, indefinido: seria o movimento, o grupo, o projeto, a rede [MetaReciclagem](#)? Nenhuma das anteriores?

Essa sutileza pode até revelar um “problema” de identidade. Ou melhor, uma questão. Trata-se de uma questão, pois um problema geralmente requer uma solução, enquanto uma questão pode permanecer em aberto. Sobretudo na contemporaneidade, em que fronteiras e limites muitas vezes soam como acinte. No caso da [MetaReciclagem](#), creio que esta questão da identidade é algo que deva permanecer em aberto.

Foi isso que eu vi quando cheguei na lista de discussão: um [pra quê?](#), exemplo típico do fazer-falar e fazer-pensar. Enquanto as conversas acontecem, muitos aprendizados e experiências sutis de modificar o pensar ocorrem. Não sei se as idiosincrasias e processos internos de mudança de pontos de vista, nem sempre compartilhados, são suficientes para provocar transformação social. Talvez o sejam quando se traduzem numa ação coletiva mais concreta.

E aí, novamente, fica difícil visualizar e apontar o momento que isso acontece, a tal concretude. Isso porque, acredito eu hoje, que o ponto forte da [MetaReciclagem](#) seja sua dinâmica cultural. Ao contrário de uma lista de discussão em que quase tudo seria off-topic, ali as conversas são simultâneas, transversais e inconclusas em vez de um boletim de informações privilegiadas ou perguntas e respostas sobre o assunto-foco ou a área de atuação e interesse de seus integrantes. Como bem expressa essa chamada, há “zonas de colaboração” e zonas são, num primeiro olhar, o sinônimo de caos, confusão, estado de desequilíbrio ou lugar do prazer (por vezes ambíguo, do proibido e da liberdade temporária). Estando no meio ou dentro delas, é preciso certo esforço pra reconhecê-las. Até onde vejo, a diferença entre as zonas e as áreas, é que as primeiras envolvem pontos de intersecção e

convergência geralmente disformes e talvez amorfos, enquanto as segundas, têm contornos bem mais visíveis.

O que eu chamo de dinâmica cultural está diretamente ligado à convivência com e entre pessoas. É aí que a concretude se torna possível. Quando cada um percebe o quanto as conversações interferem no seu próprio cotidiano e reverberam em seus papéis sociais, seja no trabalho, no lazer ou nos relacionamentos. E a cultura tem essa característica, de ser uma interferência quase despercebida, porém determinante no cotidiano e na esfera social. Nesse sentido, vejo que a [MetaReciclagem](#) é bastante “eficaz”. A profusão de estímulos, temas e linguagens que perpassam as conversas, encontros e debates é algo digno de nota e a apropriação, uma consequência, uma questão de tempo.

O fazer-falar do dia-a-dia por vezes se traduz num fazer-pensar (seja um post ou uma tese), enquanto o fazer-fazer, do tipo “mão na massa”, acontece sem nos darmos conta de sua dimensão. Não faz diferença se ele significa influenciar uma política governamental local ou nacional, como foram e são o próprio programa de Cultura Digital do Ministério da Cultura ou a Rede de Projetos do Acesso São Paulo, do governo do estado de São Paulo. Eu, particularmente, sei que estes fazeres existem, mas não tenho clareza de seus “resultados”. Penso eu que essa impressão difusa tenha a ver com o meu contato indireto com eles: eu sei o que as pessoas falam a respeito. Por outro lado, o que eu vi foi uma mãe optar por manter seu filho adolescente desmontando e remontando computadores nas oficinas do Bailux que ocorrem durante a tarde em Arraial d'Ajuda, em vez de permitir que ele fosse trabalhar no churrasquinho, apesar das condições financeiras da família exigirem isso. Não se trata, portanto, de uma dimensão maior que a outra, mas diferente: enquanto uma é coletiva, a outra é individual; uma é genérica e a outra, particular; uma é pública e a outra, privada. E, aos poucos, os fazeres vão se misturando: o fazer-fazer é também o fazer-falar e o fazer-pensar. A fronteira entre resultados quantitativos e qualitativos vai se tornando cada vez mais imprecisa.

Evidentemente, influenciar e participar de políticas públicas não é pouca coisa. E, por razões óbvias, geram impacto social. Provavelmente provocam também transformação social porque interferem na estrutura e transformar, pra mim, implica em mudanças significativas e estruturais. Assim como apropriar-se significa adentrar uma cada mais profunda do que o simples uso, reuso ou a citação (como se diz no campo da arte). Pressupõe o entendimento, ou uma interpretação, da essência das coisas, e uma reinvenção a partir disto. Apropriação envolve um ato criador.

No entanto, “transformação social” é um termo ingrato, que parece trazer na entrelinha a expectativa de uma “revolução”, uma “mudança radical”, “paradigmática”, como se uma situação, fato, atitude ou invenção produzisse uma alteração drástica o bastante que tornasse irreconhecível ou distante a anterior.

Mas não é esse tipo de “resultado” que vejo a [MetaReciclagem](#) “produzir”. Talvez porque não haja uma ou poucas coisas que gerem transformação social. Talvez porque a sociedade se transforma a todo momento ou porque as mudanças relevantes requeiram distanciamento – histórico, geográfico, cultural, emocional – para se tornarem perceptíveis. Talvez porque a [MetaReciclagem](#) não gere transformações, apenas provoque-as. Assim como provoca as pessoas a reverem seus pontos de vistas, hábitos, crenças e conhecimentos prévios. Desde que elas queiram, é claro. Desde que elas se disponham a sair de suas áreas de conforto e caminhem em direção às zonas de colaboração, é óbvio.

## **RESPOSTA 23:**

Título do Post: [Tentando ajudar 2](#)

Data: ter, 23/03/2010

Hora: 00:17h

Autor(a): [tatiprado](#)

Acredito que antecipei esta pergunta na anterior, respondendo-a indiretamente, mas, sim, estes aspectos – multiplicidade, compartilhamento, produção de subjetividade, conversação – são capazes de gerar intervenções no contexto social, econômico da realidade brasileira. Como, precisamente, eu não sei. Mas arrisco a dizer que depende de uma extraordinária vontade e disciplina das pessoas para se auto-organizar coletiva e autonomamente, para propor alternativas e intervenções significativas.

Não estudo o fenômeno das redes e não entendi bem se aqui nesta pergunta elas são citadas/limitadas ao cenário virtual. Se por um lado, o termo “multiplicidade” me faz pensar na “grande rede mundial”, por outro, a ideia de rede não é uma coisa recente e tampouco exclusiva deste universo. Dúvidas à parte, vou partir de um princípio que se adota na [MetaReciclagem](#) – a rede física e virtual ou a Infralógica como um conjunto de ambientes e ferramentas.

Insisto que as mudanças e, principalmente, as transformações dependem muito da atitude das pessoas, pois nós podemos permanecer cegos ou indiferentes ao potencial que a multiplicidade pode gerar. Eu, particularmente, sou entusiasta do convívio conflituoso com o que me é estranho e desconhecido. Acredito que é algo que estimula, desafia e, por isso, move. Mas acho perfeitamente possível e compreensível que as pessoas se agrupem para fortalecer as semelhanças, seja de valores, hábitos ou ideias. Isto também gera movimento, mas talvez muito uniforme e previsível para o meu gosto.

O compartilhamento é outra característica a ser observada com atenção. Num primeiro momento, quando tomei contato com o universo do software livre (via [MetaReciclagem](#)) acreditava que o ato de compartilhar acontecia de um jeito mais aprofundado. Imaginava, ingenuamente, que as pessoas construíssem as coisas

juntas, mas depois fui vendo que muito (talvez a maioria) se constrói individualmente, isto é, que se faz sozinho pra depois juntar. É um tipo de compartilhar por “acúmulo” e “sobreposição” de ideias, ações e não se trata de uma criação coletiva com as agruras e o caos inerente ao árduo processo que se configuraria. No universo artístico “tradicional”, por exemplo, há estruturas bastante hierárquicas e divisão de papéis bem clara entre quem cria e executa: na dança clássica há o coreógrafo, o corpo de baile e a primeira bailarina; na orquestra, o compositor, o maestro, o spalla e a cozinha; na banda, há o vocalista e o batedor; nas artes visuais, o curador, o mecenas, a instituição e os artistas; no cinema, o diretor, os atores principais, coadjuvantes e figurantes, a indústria. É evidente que hoje estamos na moda dos coletivos, já passamos pelos grupos-comunidades de teatro, sabemos que os criadores-intérpretes se ampliam no mundo da dança, que o sampler está aí, que as câmeras se popularizaram, mas o planeta da arte insiste em priorizar o movimento da rotação em vez da translação. Por mais paradoxal que isso possa parecer, já que a arte expressa o que acontece na sociedade .

Migrando para a observação do planeta do software livre, imaginava eu, no princípio, que o ato de disponibilizar as informações sobre o processo tornaria o ato criador e a manipulação dos códigos (e nesse sentido, o planeta do software livre se aproxima novamente do planeta da arte porque ambos lidam com desenvolvimento de linguagem) menos extraordinários. Mas não é bem isso que vejo acontecer. Mesmo com a diluição crescente das fronteiras entre usuário, consumidor e desenvolvedor, provedor, fornecedor, há uma força, não sei se superior ou gravitacional, que sustenta o tabu da criação e mantém a aura do poder.

É evidente que importantes mudanças têm sido geradas pelo movimento do software livre, especialmente no que diz respeito aos mercados e à propriedade, que por sua vez impactam a dinâmica cultural e vice-versa. É conhecido o impacto social das licenças livres e a necessidade de se reposicionar a economia. É essencial o potencial da web semântica na horizontalidade das relações de comunicação e poder, já que a comunicação é uma habilidade humana inata e um bem público que se converteu em importante moeda de troca.

No entanto, “compartilhar”, ou a minha expectativa em relação a este termo cuja etimologia eu desconheço, requer algo mais que a simples disponibilização de informação, a sensação fugaz de conexão, a ilusão de proximidade e autonomia. Talvez seja uma característica que, associada à conversação e à produção de subjetividades interfira numa dimensão espiritual. E tenho dúvidas se caberia o limite geográfico neste caso.

Apesar do meu trabalho envolver viagens pelo país e ter estado em mais da metade das capitais estaduais, não saberia definir uma realidade brasileira. A menos, é claro, que eu queira repetir o que as estatísticas dizem, os jornais dramatizam e as novelas televisivas suavizam: as diferenças são gritantes, hiperbólicas.

Assim, é bem difícil imaginar quais seriam as intervenções sociais e econômicas capazes de alterar “a realidade” brasileira. E como as redes contribuem com isso.

O que eu consigo imaginar, por ora, são mudanças “pequenas”, individuais (que, por serem internas e às vezes difíceis, se tornam grandes), de dentro pra fora. Se a sociedade for como um corpo e os indivíduos, as células, são elas que, estando doentes ou sãs, alteram e determinam a dinâmica do organismo numa perspectiva sistêmica. A relação com o consumo (inclusive de informação) me parece um bom exemplo de mudança individual fundamental e óbvia o bastante quando se pensa em economia.

O que eu consigo ver são iniciativas necessárias e previsíveis, talvez tardias e nem por isso ultrapassadas, como a dos governos virtuais, orçamentos participativos, mobilizações e campanhas para causas específicas que dependem do mínimo de consciência e o máximo de gente ( como o Manifesto do Lixo Eletrônico), a construção coletiva do conhecimento e de referências transitórias (como wikis e derivados equivalentes), a variedade das ferramentas de comunicação e ampliação do espaço de expressão.

O que eu desejo são novas formas de participação social, experimentações mais criativas envolvendo a tecnologia, interpretações mais ousadas sobre a(s) realidade(s), espaços para contribuições menos planejadas e mais arriscadas no contexto social, possibilidades de parcerias e encontros inusitados entre as pessoas com as quais não nos relacionaríamos à primeira vista. O que a [MetaReciclagem](#)

tem a ver com isso? Muito, algo ou nada, depende do ponto de vista. Já começo a me repetir... depende das pessoas....

**RESPOSTA 24:**

Título do E-mail: [Olas 2](#)

From: **sergio amadeu**

Date: 2010/4/20

Hernani

Seguem as respostas...

abçs

sergio Amadeu

1) Os debates que aconteceram em torno do metareciclagem fazem parte do processo de crítica sócio-técnica que está na base de criação e existência da metareciclagem. Não há como falar de metareciclgem sem falar de trocas comunicativas, de encontros e também de desencontros e debates sobre como refazer, recolocar, recriar e recuperar o que existise de gerador de um outro padrão em cada pedaço de código ou de máquinas. O princípio da metareciclagem é muito poderoso em uma sociedade que já desconfia dos ideais da modernidade e do progresso.

2) Tenho muitas dúvida sobre a possibilidade da rede gerar transformações. Acho que as possibilidades de comunicação digital, distribuída, interativa permitiu que indivíduos mais participativos e mais criativos se descobrissem e interagissem de modo sinérgico. A rede está sendo reconfigurada pelo seu grupo mais atuante e isto está sendo combatido pela velhas corporações da indústria do entretenimento. A rede abriu espaços importantes para a expansão das práticas reombinantes que tinham sido ideologicamente banidas do mundo dos mass media (para justificar os sistemas de apropriação privada da cultura). Na verdade, a recombinação e a



reconfiguração são as fontes da criatividade. A rede permite-nos colocar em cheque o "mito da originalidade".

Na internet, temos uma grande conversação que está cada vez mais diversificada porque as camadas pauperizadas vão se conectando e mudando a realidade das chamadas redes de relacionamento. A cultura local tem um grande peso na internet. A forma com que as pessoas habitam o ciberespaço guardam correspondência com as suas culturas cotidianas formadas no mundo presencial. Sem dúvida, o convívio no ciberespaço vai impactando as localidades de onde nos conectamos, mas estes impactos são absorvidos de modo bem distinto. Este processo reforça as resignificações, o sampleamento e as remixagens.

A cultura tradicional e popular da gambiarra, do "dar um jeito", do "se virar" ou "sevirismo", tida como expressão negativa e aspecto frágil e improvisado do comportamento das camadas populares, ganham uma nova qualidade no mundo das redes. O digital é essencialmente recombinante e a diversidade cultural é uma grande gambiarra. Nisto, o MetaRecicagem é um inoculador.

## **RESPOSTA 25:**

Título do Post: [Zonas de Colaboração: respostas sem recesso](#)

Data: qui, 29/04/2010

Hora: 14:35h

Autor(a): [dasilvaorg](#)

Tem uns dias já que tô querendo vir por aqui e responder às perguntas do Hernani.

Ok, finalmente, hoje. Mas primeiro preciso dizer que estou cometendo a irresponsabilidade de não reler todo o debate anterior. Então, não me arrisco a #recesso e vamos ver no que dá.

1) Como eu acho que já falei por aqui me incomoda um pouco como estão demasiadamente abertos para a minha compreensão estes dois conceitos: apropriação da tecnologia e transformação social. I isto não quer dizer que eu veja isto como uma coisa ruim. Depende dos objetivos da pesquisa, eu acho.

Fico pensando aqui numa idéia onde a proposta fosse entender como as pessoas envolvidas vêem estas duas noções. Como eu, o Régis, o Hudson, a lelex e mais a, b, c, d n percebem isto? E como se daria minha percepção da percepção.

Como as operações metarecicleiras trabalham os conceitos de tecnologia e de social? Ok, tem coisas como os diálogos da casinha onde isto é discutido. E inevitavelmente estas discussões geram um balisamento da construção "teórica" do que ou como tecnologia e social estão associadas à [MetaReciclagem](#).

Por outro lado não consigo ver como isso sai do plano da discussão teórica para uma aplicação. E pior ainda, não consigo ver teorias construídas a partir da práxis. Acho que talvez eu esteja muito enviesado pelo olhar acadêmico e por isso só veja academicismo em tudo. Fazer o quê, né? Até a bela proposta da etnometodologia é acadêmica.

E respondendo à questão um, no meu entendimento deste momento sobre tecnologia, vejo mais reprodução de competências tecnológicas do que

apropriação. Vejo mais afirmação social do que transformação social. No sentido que o que circula metareciclagem é um transmitir-receber de experiências percepções mas que se fecham num modus operandi metareciclagem. Isto pode até num segundo momento saltar para a apropriação, mas, nos contextos que estou pensando aqui, ainda não consigo ver. No sentido que certas "realidades sociais" se estabilizam, se afirmam e outras passam a fazer parte desta estabilização, dessa afirmação, mas sem transformação que eu consiga entender, pelo menos. Vejo agora, muito mais: associação.

2) Quando você fala nas características da rede, me parece que você está querendo creditar às características de uma tecnologia a possibilidade de criar realidades. Ou você não entende redes como tecnologia? (E não estou falando de máquinas e nem Internet. Pessoas, como você usa, mas não só, não-pessoas também).

Acho que vi no seu trabalho menção a Heidegger na questão da tecnologia. Ou foi em outro lugar? Mas, como me parece que você gosta de trazer os pontos a partir das discussões filosóficas, aliás, eu também acho muito bacana isto, vamos pensar numa aproximação heideggariana de tecnologia. Acho que a tecnologia por si só não cria realidades. Mas claro, que meu conhecimento de Heidegger é limitadíssimo e por isso devo estar certamente misunderstanding o cerne da questão.

Intervenções? Certamente.

Não creio nas transformações no que pode ser chamado de contexto socio-econômico da realidade brasileira pelas características da tecnologia não só por essa compreensão superficial minha de Heidegger, mas também porque me parece que em algum ponto tudo isto é essencialmente político, no sentido amplo da palavra, e portanto a tecnologia me parece se dar essencialmente por escolhas políticas e não por suas características intrínsecas. Veja aí também um certo viés de algumas leituras minhas atuais. Nas intervenções. Ora, se intervir é participar, tomar a palavra. Certamente, mais uma vez.

## **RESPOSTA 26:**

**Título do Post:** [Resposta Fernanda Scur](#)

Data: sex, 30/04/2010

Hora: 10:48h

Autor(a): [Fernanda](#)

Pergunta 1:

Em primeiro lugar, não sou uma colaboradora assídua da lista, eu mais observo que interajo...só para deixar claro que minha opinião é a de uma observadora mais do que qualquer outra coisa. O que eu vejo em algumas discussões na lista é uma “reciclagem de idéias” acontecendo, existe muita troca nesse sentido. Acho que daí, eu concluiria que alguma espécie de transformação social acontece sim...pessoas que dentro do contexto da lista agregam, produzem e trocam conhecimento devem levar isso para seus contextos locais...pelo menos gosto de acreditar que isso acontece. Já a apropriação de tecnologia em si, acho mais complicado avaliar se acontece...salvo alguns poucos que relatam assiduamente o desenrolar de suas atividades (ex. Bailux), não tem muita documentação nesse sentido dentro da própria lista.

No caso do Bailux, por exemplo, que é um projeto que eu vi ao vivo em Arraial, definitivamente posso dizer que existe a apropriação de tecnologia e a transformação social que isso impulsiona. Eu vi isso acontecendo, e vejo o Régis, que maneja isso, sempre documentando e buscando na lista o debate, a ajuda, o apoio, principalmente de não se sentir sozinho. Mas aí é o caso de como ele age. Então, acho que os debates da lista tem o POTENCIAL, podem contribuir SIM, mas se isso acontece efetivamente, depende das pessoas.

Pergunta 2:

Sim, acho que respondi um pouco ali na questão anterior isso. As pessoas levam aos seus contextos locais, às outras redes as quais elas pertencem, o que foi compartilhado e o que de certa forma possa tê-las transformado, ou movido.

Impulsionadas, motivadas, elas interveêm nos outros contextos sociais. De novo, dando o exemplo do Bailux, temos o Paulo Bailux, que é um artista, e metarecicla computadores, os pinta... depois de aprender no Bailux, agora ministra oficinas em outros locais, levando a filosofia metareciclagem à outros contextos...

**Resposta 27:****Título do E-mail:** [Sobre MetaReciclagem questões](#)

Data: 13 mai 2010

Hora: 22:11h

Autor(a): mbraz &lt;marcbraz@gmail.com&gt;

Redes sempre existiram. A vida é uma Grande Rede intrincada de relações. Redes tecnológicas são redes de propagação e amplificação. Antes não éramos ouvidos. E temos muito para falar.

Os debates e conversações são o nosso alimento. Eles fertilizam projetos em várias regiões do país. Cada ponto de agregação multiplica possibilidades. Histórias de vida se misturam num caldo de cultura. Esta efervescência catalisada pelos meios digitais gera um desejo imenso de nos encontrarmos. O encontro faz reativar as redes de afeto. O afeto nos torna mais e mais abertos e livres. A liberdade nos leva a criar novas possibilidades. E novos ciclos são gerados. A transformação social é o processo. E pouco a pouco, passo a passo, mesmo que lentos, nos reapropriamos daquilo que é realmente importante, a Grande Arvore da Vida. ;)

Exemplos? Nós, muitos, conversando e produzindo novos sentidos nesse exato momento!

O Brasil é um mistério a resolver. Não há fórmulas mágicas. Precisamos reconhecer aquilo que sempre fomos, negros e indígenas. Os outros? A civilização inventa os seus outros e, assim, os silencia. Isto é um plágio. A academia toda é plágio de muitos plágios. Somos intrinsecamente seres remixados. Porque ninguém está só. O indivíduo é um mito desnecessário.

Enquanto a economia for a economia das coisas, sofreremos as consequências. Lutemos pela Economia dos Afetos. Faça valer cada minuto de sua existência e compartilhe muito. Lembre-se que ela foi a ti oferecida como presente pela Grande Arvore da Vida.

Interprete e metarecicle. Escreva tudo o que pensas num papel. E depois queime!

m'braz

--

-----

ava ñe'ë mβnãz

Ñandeva ekuéry

-----

-----

A civilização inventa os seus outros e, assim, os silencia.

-----

-----

**Resposta 28:**

Data: 13 maio 2010

Horário: 20:46h

Autor(a): Drica Veloso <dricaveloso@...>

até já comecei um rascunho pra responder as perguntas da zona de colaboração do hernani, mas acabei me envolvendo em outras coisas...inclusive publiquei um texto sobre metarec essa semana, (...) talvez seja oportuno (gosta da reflexão da virada de projeto meterec pra rede metarec;

<http://dricaveloso.wordpress.com/2010/05/11/metareciclando-comportamentos/>

[]s,

Um exemplo é o projeto [Metareciclagem](#), que de fato transcendeu seu aspecto de serviço e ao longo dos anos tornou-se um conceito, aplicado no título deste artigo e também em programas e projetos governamentais como Cultura Viva, Casas Brasil, entre outros. De início, em 2002, a idéia era receber doações de computadores antigos, colocá-los para funcionar e destiná-los a pessoas que não tinham equipamento, ou à montagem de telecentros. Até aí nada de diferente, afinal quantos projetos sociais não fazem isso? O diferencial foi justamente que a experiência das pessoas modificava-se. Seja pelo fato de que muitos eram chamados para aprender a montar e desmontar suas próprias máquinas, ou pelo fato de que os gabinetes eram pintados e personalizados (acabando com o aspecto de velho e atuando no efeito visual), ou porque o projeto justamente não queria ser mais um de reciclagem de computadores, pois a reciclagem também era do comportamento. Com o tempo a idéia tornou-se conceito, por sinal muito semelhante



ao ciclo do design como pode-se ver no infográfico feito pelo [dani](#) reproduzido abaixo;



O projeto metareciclagem hoje é compreendido como rede, da forma descrita por Latour, ou seja sem a separação da sociedade da natureza, englobando pessoas, máquinas, plantas, idéias, objetos cujo uso e função estão constantemente em mutação, assim como o planeta e o mundo. Atuando para mudar a cultura do descarte, do desperdício e da obsolescência programada por meio de uma rede de afetos e experiências que opera na desconstrução tecnológica para transformação social o design da metareciclagem é essa reinvenção constante do que não é sustentável no mundo.

Por isso, ressalta-se que outra atuação possível do designer de interação é no fator humano do humor, reinventando os usos dos objetos, despertando a atenção das pessoas para a necessidade de mudar a cultura do consumo abusivo, do descarte e desperdício, inserindo-se no cotidiano das pessoas. “O fato de que o design afeta a sociedade não é novidade e (...) muitos levam realmente a sério as implicações de seu trabalho, mas a manipulação consciente da sociedade tem graves aspectos, dentre os quais é importante o fato de que nem todo mundo está de acordo em relação às metas apropriadas. O design, portanto, assume uma importância política” (Norman, p.252. 2006).

Para solucionar o problema da iminente morte ecológica do planeta não basta uma mudança na educação, ou na forma como os produtos são produzidos e consumidos. É preciso que haja uma “politização das práticas cotidianas”, como descreve Michel de Certeau em ‘A invenção do cotidiano’, ou seja, um deslocamento do consumo para o uso, além de uma redescoberta das artes do dia a dia. É preciso recriar o sistema em que vivemos pois, “até agora simplesmente desenvolvemos nossos processos de design, agora precisamos aprender como utilizá-los de acordo com um plano coletivo de longo prazo” (Bezerra, p.7 2006). Modificar o comportamento é uma ação cotidiana que quanto mais praticada mais pessoas pode almejar. O comportamento sustentável também envolve educar as pessoas, vizinhos, colegas de trabalho, e todo um círculo de convivência, alertando para a necessidade de mudança para que as futuras gerações possam viver neste planeta.

#### **Bibliografia:**

BEZERRA, Charles and BRASELL-JONES, Megan. **Design Responsibility in Global Open Societies**. Disponível em Acessado em 05/05/10.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo. 4a ed. Editora 34, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo. 12a ed. Cortez, 2007.

NORMAN, Donald. **Design Emocional**. Rio de Janeiro. Rocco, 2008.

NORMAN, Donald. **Design do dia a dia**. Rio de Janeiro. Rocco, 2006.

VICENTE, Kim. **The Human Factor: Revolutionizing the Way People Live with Technology**. 2003

## **Resposta 29:**

**Título do E-mail:** [Olá, depoimento sobre o MetaReciclagem](#)

Data: 17 mai 2010

Hora: 16:24h

Autor(a): Morgana gomes <morganapoiesis@...>

Então vamos lá...

Há alguns anos ouço falar em metareciclagem, cultura digital, apropriação tecnológica, etc, através de amigos que trabalham com projetos de inclusão digital no Brasil, e de alguns encontros que participei.

Conheci o metaReciclagem em 2009, em arraial dajuda, a convite de Ruiz, e diria que foi o encontro que melhor me afetou e despertou para o universo tecnológico. Tive um afeto bom. Pela primeira vez desejei me apropriar da tecnologia sem o ressentimento da imposição. Me impressionou o nível do pensamento que permeava as discussões, bem como a metodologia e a simplicidade do encontro. Eu já vinha perseguindo a questão da dissolução contemporânea do sujeito, a partir de deluze e tals, e todas as outras decorrentes, como a questão da propriedade intelectual, da cultura livre, etc.

Participo de algumas listas de discussão a nível nacional e percebo que são ferramentas fundamentais para articulação de idéias e práticas, compartilhamento de informações e discussões descentralizadas.

Compreender a tecnologia como extensão do homem, como ferramenta para a sua rede de afetas, e perceber como ela funciona neste sentido, me mantém interessada no assunto.

Acredito que a rede pode ser utilizada sim para gerar intervenções no Brasil, potencializando o encontro de pessoas e pensamentos, bem como a autonomia de quem deseja se manifestar livremente.

Acho que a rede é uma ferramenta potente para construção de conhecimentos e para atuação política. Gostaria que todos tivessem acesso a este universo, para não me sentir parte de uma elite qualquer. esta lista é pra mim uma grande novidade, mas é a mais simpática até agora, ela tem eco, por assim dizer.

Acho que é isso 😊

Abraços,

## **Resposta 30:**

**Título do E-mail:** [Sobre o MetaReciclagem](#)

Data: 16 mai 2010

Hora: 23:59h

Autor(a): Wagner Tamanaha <wtamanaha@gmail.com>

Ola

Tudo bem? Seguem minhas respostas. Fiz um resumo de forma apressada e superficial, se precisar de algo mais elaborado e' so' avisar. Qq comentario ou duvida, continuo a disposicao.

1) Acredito que os debates no MetaReciclagem contribuíram para a apropriação da tecnologia e transformação social. Primeiro na própria articulação e materialização das idéias propostas dentro do movimento e também pela repercussão e amplificação destas idéias e o debate em torno delas para outros movimentos, imprensa e pessoas envolvidas na administração pública e educação.

Vale lembrar que a apropriação da tecnologia e transformação social já acontece de forma descentralizada e emergente, à margem das corporações e no limite da legalidade. Arranjos produtivos baseados em distribuição não autorizado de conteúdo copyright, criação de conteúdo sem copyright, redistribuição não convencional do acesso web via ondas de rádio, wi-fi e lan houses informais, etc.

Para mim, o MetaReciclagem estava atento a estas novas formas de uso da informação e da tecnologia e exercitou a adaptação do formato de desenvolvimento do software livre - e do movimento em torno dele - para outras atividades econômicas e criativas. O primeiro sucesso do Blogchalking, que ganhou repercussão internacional, já trazia o modelo descentralizado e colaborativo no início da expansão dos blogs e do jornalismo emergente e descentralizado. A união de soluções low-tech (reciclagem, coleta urbana, etc),

tecnologia aberta e software livre, copyleft e creative commons (licenças alternativas ao copyright), deram origem aos programas de reciclagem de equipamentos, telecentros e install fests (eventos com instalação de software livre) que posteriormente foram adotados por iniciativas de inclusão digital de governos e ongs.

2) Podemos dizer que o Brasil ocupa posição de destaque no movimento do software livre e do creative commons. Além disso, nesta nossa realidade acrescentamos a adoção massiva da telefonia celular e no alto uso de sites de redes sociais, mesmo em um cenário de tarifas caras e corporações de mídia dominantes.

As características de rede presentes no movimento do software livre e em sites e ferramentas públicas como os blogs, Drupal, Flickr, YouTube, Orkut, Bittorrent, etc, foram adotadas de forma pioneira e pragmática pelo MetaReciclagem e - na minha opinião - acabou influenciando no uso sem preconceitos destes recursos em programas oficiais e privados de inclusão digital e universalização e capacitação do acesso - Pontos de Cultura do Ministerio da Cultura, Telecentros da Prefeituras de São Paulo e Santo André/SP e ACESSA SP, por exemplo.

Diferente do que defendem alguns, o uso intensivo das ferramentas de rede em ambientes virtuais acabam facilitando e otimizando a organização de eventos, encontro e manifestações locais ou presenciais. Ações como o Recycle 1 Político e ConectTaz (install fest) foram inspirados em conceitos como a ação direta e flash mobs, que por sua vez derivaram da idéia da TAZ - Temporary Autonomous Zone de Hakim Bey.

Desta forma, o modelo industrial cujo centro são as corporações e instituições ganha a opção do modelo onde o usuário (consumidor e cidadão) se torna protagonista. Ajudando as pessoas na compreensão e inclusão na transformação

social que a economia da informação traz em seu processo de consolidação, que no Brasil acontece de forma ao mesmo tempo tardia (infra estrutura e industrial) e inovadora (cultura e sustentabilidade).

--

[ ]'s

Wagner Tamanaha

Blog: <http://wagnertamanaha.blogspot.com>

Twitter: <http://www.twitter.com/wtamanaha>

MSN Messenger: [wagnertamanaha@hotmail.com](mailto:wagnertamanaha@hotmail.com)

## **Resposta 31:**

**Título do e-mail:** [MetaReciclagem](#)

Data: 17 mai 2010

Hora: 00:24h.

Autor: marcelo estraviz [marcelo.estraviz@....](#)

ok, vamos lá:

1)

- Na Lista Metáfora havia um desejo sincero e honesto de modificação das coisas, quase sempre envolvendo ideias para transformação social.

- Metareciclagem, um esporo do Metáfora, começou com uma ideia simples: reciclagem de computadores. Depois avançou ao ponto de chegar a Brasília.

- Já antes, disso, com a descontinuidade do Metáfora, fui pra outras paragens. Mas as ideias já estavam postas e as pessoas: empoderadas.

- Brigar pra não institucionalizar nem o metáfora nem o metareciclagem foi a melhor briga onde poderíamos nos meter.

- Hoje a meta dos meta está, a meu ver, cumprida: esporos incontroláveis passeando no caos web.

- Mais do que apropriar-se de tecnologia, metáfora (e o metareciclagem) nos fez ver que há gente do outro lado dos cabos.

2)

- As transformações já estão ocorrendo. Elas ocorrem sempre, sempre ocorreram, sempre ocorrerão. A percepção de ser rede é que descortinou o processo.

- Descobrir redes (no sentido de tirar o véu daquilo que não se vê) empodera a



pessoa comum.

- A rede não cria intervenções no contexto social, ela é o contexto.
- Pra mim, a principal característica da rede é a não hierarquia e a informalidade. Isso mata institucionalidades. Voltamos a virar gente.
- O brasileiro me parece mais "safo" pra internet e as redes. Ele é rápido na apropriação da plataforma, não usa manual, pergunta pro amigo ou improvisa.
- A lan house na favela é a maior prova de apropriação da tecnologia no Brasil. Jovens estão na web pagando preço de picolé.
- Conversação no Brasil e no scrap do orkut, muito mais do que no email.
- O Brasil tem urna eletrônica, quase 100% do IR chegando via web, uma rede bancária entre as mais modernas e conectadas. Brasil tá bem na fita.
- E o que isso muda? Já mudou. Já somos uma geração P2P ainda que a galera broadcast faça mais barulho. Só isso. Mais barulho.

acho que é isso,

bjs!

--

abs,

me

Marcelo Estraviz

## **Resposta 32:**

Título do E-mail: [Olá, sobre o MetaReciclagem](#)

Data: 18 mai 2010

Hora: 11:21h.

Autor (a): Bianca Santana <biancasantana@.....>

O MetaReciclagem é referência essencial pra quem trabalha com apropriação de tecnologias digitais. As reflexões e práticas do grupo inspiram o trabalho de muita gente por aí. Não são poucas as pessoas que, com base nas reflexões metareciclistas, transformam suas práticas e a maneira como compreendem os usos e significados das tecnologias. As oficinas de metareciclagem popularizam as tecnologias como criação humana, e não entidades a quem se deve respeitar e temer. A reflexão crítica que todas as pessoas são capazes de produzir sobre seu meio e suas ações é instigada pelo grupo e isso é sensacional.

As características da rede em si não. Mas as pessoas, que se apropriam dessas características em suas ações, podem transformar muito. Eu pesquiso as tecnologias de informação e comunicação na educação de jovens e adultos. Meu interesse por compreender como essas características da rede inspiram e provocam alterações que há muito são desejadas na EJA. Eu, como educadora de adultos recém alfabetizados, não conseguia discutir o currículo escolar com os educandos, por mais que essa fosse uma vontade latente. Todos eles trabalhavam, tinham família, administravam casas e tocavam a vida. Por que não podiam participar da decisão do que seria conteúdo na sala de aula? A arquitetura distribuída de rede foi essencial, no meu caso, pra aprofundar a reflexão e o debate - com os educandos - sobre a democratização escolar. Um pouco desta experiência está contada em:

<http://portuguesilha.wordpress.com/2008/06/06/construcao-do-curriculo/>

**Resposta 33:****Título do E-mail:** [Perguntas sobre MetaReciclagem](#)

Data: 25 mai 2010

Hora: 11:18

Autor(a): ricardo kobashi [ricardo.kobashi@...](mailto:ricardo.kobashi@...)

Vamos lá:

1) Os modelos de apropriação tecnológica nascem obrigatoriamente pelos produtores da tecnologia, no caso das TIC's, em sua maioria e exceptuando-se as desenvolvidas em software livre, de empresas norte-americanas e algumas européias. Os modelos adotados por estas empresas são determinados pela visão de necessidade de difusão dessas tecnologias segundo objetivos de mercado globais, regionais e de curto, médio e longo prazo. Os ciclos de obsolescência, o uso, preço, condições técnicas de manipulação, transformação e descarte, preparo de mão-de-obra técnica, e público alvo usuário de cada tecnologia desenvolvida são definidos por necessidades de mercado, capacidade de produção, do retorno ao acionista e manutenção do crescimento e nível de investimento dessas empresas. Nada mais justo, mas não necessariamente suficiente para interesses nacionais de transformação social e desenvolvimento econômico e humano.

O Metareciclagem oferece uma alternativa a este modelo de apropriação tecnológica. As discussões partem e se destinam a lugares e objetivos completamente diversos dos compartilhados pelos produtores originais da tecnologia e, por isso, conduzem e concluem diferentemente. Quando a apropriação tecnológica é feita a partir de idéias como sustentabilidade, reuso, reciclagem, aprendizado amplo, ludicidade, e servem de cunha para processos de

discussão e transformação pessoal e do grupo, passamos a investir tempo e recursos não apenas para usar uma tecnologia, mas para fazê-lo em benefício próprio e da comunidade em que estamos inseridos.

2) A transformação se viabiliza a partir do entendimento do seu papel no mundo, e do outro. Conversar, compartilhar, produzir com e entre diferentes através da rede é colocar os recursos tecnológicos disponíveis a serviço das transformações sociais. Já o tamanho e os resultados positivos ou negativos de alterações nos contextos econômico e social dependerão dos objetivos e capacidade dos envolvidos. Temos os meios. O que vamos conseguir fazer é outra história.

Ricardo Kobashi

**Resposta 34:****Título do E-mail:** [MetaReciclagem](#)

Data: 25 mai 2010

Hora: 11:37 h

Autor(a): drica guzzi &lt;drica.guzzi@....&gt;

Gostaria de falar do MetaReciclagem a partir de uma visão de política pública de inclusão digital, cuja experiência tenho vivido no Brasil desde 2000, através, principalmente, da coordenação Programa ACESSA São Paulo na Escola do Futuro/USP.

O Programa ACESSA São Paulo caracterizou-se sempre como um programa bem estruturado, com indicadores e métricas de avaliação e acompanhamento claros, capacidade de gestão de uma política pública. No início, dizíamos que trabalhávamos a partir de um tripé: tecnologia (acesso), capacitação (formação de monitores) e conteúdo (produção compartilhada de conteúdos relevantes) . Em 2007, a visão do MetaReciclagem passou a fazer parte do programa, a partir da entrada de alguns integrantes do movimento na formação da equipe que cuidava da gestão do ACESSA SP na USP.

Logo, uma visão de inclusão digital a partir da apropriação da tecnologia social trouxe inovações como a entrada do MetaProjeto no ACESSA SP, caracterizando acertada abertura que o Programa fez nos últimos anos. Uma abertura para os acontecimentos, liberdade, criatividade e invenção. O foco nos monitores com as capacitações, e na comunidade através da Rede de Projetos, nas pesquisas para avaliação e inovação, como a Ponline (pesquisa on-line com usuários do ACESSA SP), foram estratégias e instrumentos desenvolvidos no Programa ACESSA São Paulo que ajudaram a apropriação da tecnologia e o desenvolvimento local e comunitário,mas não trouxeram em sua origem, a experimentação, o lúdico, o

espírito investigativo e crítico, inventivo, desviante.

O MetaReciclagem trouxe novos ventos, condições de possibilidades. Uma metodologia emancipatória, libertadora e ativa para a apropriação da tecnologia. Trabalhando com a idéia da desconstrução da tecnologia para a reapropriação, a partir de 3 níveis: o hardware, o software e a rede. Tecnologia livres, abertas e passíveis de serem mixadas e remixadas.

MetaReciclagem trouxe também um novo vocabulário para o laboratório (Escola do Futuro da USP) e para o Programa ACESSA SP propriamente dito; ética Hacker, xemele, puxadinho digital, parangolé, operação pirata, é noix e por aí vai.

A metodologia, através das oficinas e conversas vem fazendo com que essa apropriação seja vivida e experienciada a partir de um repertório pessoal e ao mesmo tempo, coletivamente. É como se a “versão” oficial fosse desviada, ou contruída por cada usuário, ou participante das oficinas...é uma sub-versão mesmo, no sentido de desviar um fluxo pretendido, de sentidos, de usos comuns e estabelecidos. E é também a sub-versão de versar, de produzir uma apropriação coletiva e singular, onde as pessoas são de fato protagonistas de seus desejos e seus caminhos. E, nesse sentido que, a apropriação da tecnologia instigada pelo MetaReciclagem é libertadora. É Pirata, É Hacker.

Enquanto pesquisadora e colaboradora ativa de uma política pública observo, de fato, que a rede é capaz de gerar transformações e reconfigurações nas relações sociais, econômicas na sociedade brasileira. Micropolíticas da rede. A rede pede uma alma inventiva, formuladora de seus próprios problemas, aberta para acontecimentos, trazendo ao cidadão o direito de participar da formulação dos problemas, da gestão dos problemas para não continuarmos como escravos da solução dada por outros.

O "espírito" metareciclator é fundamental principalmente quando falamos das novas tecnologias e a inclusão digital em um país em pleno desenvolvimento e crescimento no cenário mundial.

Drica Guzzi

Escola do Futuro - USP | WebLab.tk |

3091 6366 | 3091 9107

@dricaguzzi

<http://futuro.usp.br>

<http://weblab.tk>

<http://lixoeletronico.org>

<http://del.icio.us/dricaguzzi22>

<http://lattes.cnpq.br/8657646304310551>

**Resposta 35:**

**Título do Post:** [MetaReciclagem Telecentros, laboratórios, esporos, gambiarras e o toque do tambor](#)

Data: 25 mai 2010

Hora: 21:49

Autor(a): Dalton Martins <dmartins@....>

mtXs,

fim de dia, tava aqui passeando e me ocorreu algo que fez todo sentido trazer pra conversar por aqui.

Nos idos de 2001/2002, nas primeiras conversas e idéias de projetos metafóricos a gente conversava sobre como ampliar os limites dos programas de "inclusão digital" então rolando naquela época. Temas como apropriação de tecnologia, software livre, hardware livre, infra-lógica, tríade da informação livre e várias outros temas circulavam por ali. Parte importante dessa conversa inspirou as primeiras experimentações metarecicleiras que ultrapassaram os limites dessa lista de emails: Agente Cidadão, Parque Escola, AutoLabs, Mídia Tática e por aí vai... A história já é conhecida de muita gente e tá bem documentada por aí.

Mas... 9 anos se passaram. Muitas coisas mudaram ou não. Certamente, a tecnologia é outra, os softwares mais amigáveis, banda um pouco mais larga, muitas experimentações rolaram.

As questões relacionadas, de alguma forma, ao conceito "inclusão digital" amadureceram: modelo tecnológico, propostas de formação, modelos de atendimento e por aí vai... Várias tentativas de redes se formaram, sumiram,



criaram, cresceram, nasceram, morreram... A infra-estrutura física se espalhou pelo Brasil em diferentes programas, diferentes editais. A infra-estrutura lógica também, em várias dimensões e várias experimentações: Converse, Overmundo, Estúdio Livre... Laboratórios experimentais surgiram, expandindo usos, inventando e reinventando novos meios de apropriação da tecnologia, brincadeiras, expressões, metaarte... Oficinas, hacklabs, mostras, amostras, viagens, parcerias no exterior, palestras, vídeos, estudos, teses, livros...

Não sei ao certo dizer quantos telecentros, infocentros, postos, salas, pontos de cultura, esporos, centros e por aí devem ter surgido no Brasil nesses anos. Uma infra-estrutura enorme e um nível de investimento compatível com o tamanho. Um poder de processamento gigantesco, uma diversidade de uso incrível.

Vários participantes dessas conversas espalhados em diferentes projetos, pensando, criando, experimentando, coordenando, conversando, mapeando, documentando.

Mas, e aí, era isso que a gente queria? É isso que eu ainda quero? Faltou alguma coisa? Para onde foi a utopia? Dá para ir além? Dá para pensar em mais algumas camadas que aproveitem tudo isso ou tá bom assim? Como esses espaços públicos/privados/sintetizados/ todos podem aproveitar de tudo isso que foi produzido? Tem alguma forma de circular isso de outra maneira? Tem alguma outra forma de conversar sobre isso? Tags são apenas espaços de agregação ou ainda podem ser invadidas?

Para onde foi o toque do tambor? A mão seca na pele esticada. As cores de cordel, Os 100 olhos estampados na tela, As hashtagstalkings pontas de bits. Para onde foi o toque do tambor?

abs,  
dm

--

----

WebLab | LIDEC | Escola do Futuro - USP  
3091 6366 | 3091 9107

<http://daltonmartins.blogspot.com/>

<http://weblab.futuro.usp.br>

**Resposta 36:****Título do Post:** [Conversando](#)

Data: 26 mai 2010

Hora: 11:48 h

Autor(a): Dani Matielo &lt;dacamat@...&gt;

conversando...

eu acho que o desafio é nunca esquecer de ir além da tecnologia física, sem perder de vista que ela é, não apenas essencial, mas também agente no processo.

no ano passado tive uma conversa interessante com uma pessoa que trabalhou muito tempo com telecentros, e estava tirando um ano para conversar com pessoas e fazer exatamente essa pergunta: para onde estamos indo?

nós, que trabalhamos nesse ponto rico de conexão entre pessoas e tecnologias (para a transformação social?) estamos indo para onde?

e se todo mundo tivesse acesso? e se todo mundo tivesse as competências básicas pra mexer na Internet? e se todo mundo já soubesse viver em rede?

não dá pra isolar as variáveis, mas não dá pra esquecer que todas elas compõe essa relação...

e vqv ;-)

Daniela de Carvalho Matielo

[dacamat.com.br](#) | [weblab.tk](#) | [lixoeletronico.org](#)

NAP Escola do Futuro – USP

[futuro.usp.br](#)

**Resposta 37:**

Data: 26 mai 2010

Hora: 12:41

Autor(a): Maira Begalli <mairabegalli@...>

e o que eh tecnologia? se pensamento gera matéria, tecnologia sempre eh física em ultima instancia, porque pra fabricar cabo, que precisamos pra cabear redes, depende de processos que envolvem pessoas as mesmas pessoas que articulam construções com bioconstrucao pra montar um lab. as redes existem, e seres diversos vivem e interagem nela desde sempre. falar em redes de TIC' s eh replicar um processo que existe há algumas centenas de mil anos nos elos desse planeta azul.

quando mandamos um email, emitimos um sinal, um pombo-correio, um telefone sem fio com lata e barbante, ecoamos. ecoamos como as baleias com suas frequências, como as cigarras, e por ai vai... soh que ao inves de desenvolvermos esse tecnologia de dentro pra fora, criamos maquinas que fazem isso de fora para dentro.

os "brinquedinhos" chamados de tecnolgicos-eletronicos sao apenas mais um nicho de mercado, de consumo, fetichizado na "nossa" sociedade global em que ateh pouco tempo, antes da fabula do mundo compravel desabar no final de 2008 com a crise global, acreditava-se na prosperidade guiada pelo Capital, no desenvolvimento embasado pelo que muitos chamam de tecnologia/progresso. enfim, compra-se. muitos falam de capital social. outros de tecnologia social. bleh.

**Resposta 38:**

Título do Post: [Aho...www!](#)

Data: 26 mai 2010

Hora: 13:47

Autor(a): Guima-San [guima.ricardo@...](#)

"...os espaços de acesso estão aí", e vamos deixando rastros e permeando valores, o imaginário e a inteligência afetiva/coletiva "vão dando sinais sutis de sua existência" (meshremix).

A experiência continuada sob circunstâncias diversas e avessas nos permitem perceber e transformar, o famoso aprender. Algumas produções saíram espremidas entre confrontos de ideais e convicções, mas trazendo sempre a rica lição Do hackear qualquer situação!

Esse processo continua em escalas e possibilidades "taoisticas", como o não-agir que as vezes nos trazem mais consequências q a ação, mas tudo isso, tá em rede, os pontos se conversam, os nós se desfazem e se embaraçam vez em quando, mas na real fazemos todos parte de uma mesmo organismo ou não?

Auto-organizados declarados!

E minha vida se mistura nas relações, mas a consciência é operante e importante!

Aonde estamos e pra onde vamos?

pergunta bréga e cafona, mas está sempre emergente chamando atenção, dando o tom, pra que o processo funcione e deste também, pq não ;)

**Resposta 39:**

Data: 27 mai 2010

Hora: 10:12

Autor(a): Felipe Fonseca<[felipefonseca@...](mailto:felipefonseca@...)>

Que é um empreendimento alienígena, eu não discordo - e nem acho ruim. Às vezes isso pode levar a uma inserção em espaços que uma iniciativa emergente puramente local não teria chance. A relação e construção conjunta com "o remoto" pode oferecer saltos de compreensão e penetração inesperados - raqueamento criativo de espaços. Mas eu discordo que eles não conseguem se comunicar com a complexidade dos problemas de Arraial. Acho que justamente lidar com a complexidade envolve se concentrar em ações pontuais que passem ao largo da tentativa de compreensão e ação "total". Em outras palavras, se formos esperar pra compreender o cenário amplo e complexo e só depois agir, acho que nada vai acontecer. Acredito sim que a relação do Bailux com a complexidade do Arraial é interessante porque passa ao largo do funcionamento político local - e justamente por isso acaba criando oportunidades totalmente inovadoras. Se não fosse o ritmo, persistência e o sorriso do Regis, não estaria começando hoje uma edição do Submidialogia por lá. Agora, qual o impacto desse tipo de ação na complexidade do Arraial? Acho meio impossível prever, e isso é uma coisa boa a meu ver. Uma sensação de liberdade, de indeterminação que tem a ver com o que a gente também faz com aparelhinhos eletrônicos.

Talvez a única maneira de visualizar a complexidade seja pensando em um mapa fractal. Mas um mapa assim perde a função clássica de previsibilidade, estabilidade e controle. Fica só bonito ;)

Me fala mais sobre "diagnóstico local desacoplado"?

Repensar a replicação, sempre. Estamos fazendo isso, né?

--

FelipeFonseca

~saravá @dpadua~

<http://desvio.weblab.tk>

<http://efeefe.no-ip.org>

<http://rede.metareciclagem.org>

**Resposta 40:**

Data: 27 mai 2010

Hora: 10:38

Autor(a): Dalton Martins<[dmartins@ ...](mailto:dmartins@...)>

a semântica na web não é mais uma viagem tão distante do que era em 2002. muita coisa mudou ali, e muitas formas interessantes de agregação e interfaces de conversa são possíveis. A nossa capacidade de abstrair informação ampliou de maneira significativa, vide sistemas como [Many Eyes](#), [Yahoo Pipes](#), [Programmable Web](#), entre outros. A possibilidade que isso nos abre de experimentação e agenciamento em rede é enorme. Exemplos:

1. a eleição tá aí e as "mídias sociais" tão invadidas dos mkts de plantão, trazem "soluções" que arrebanhem mais seguidores e aumentem o potencial de circulação do meme de seus candidatos. O que esses caras estão falando? Para onde essa conversa tá indo? Para onde essa tá sendo conduzida? Será que não outras maneiras de mostrar que o rei está nú?
2. diversos projetos, programas, experiências de inclusão digital, cultura digital e etc, etc, etc... produziram Tbytes de documentação. Novos projetos tão surgindo a todo momento. O discurso fácil vai pela via da profissionalização e mercado de trabalho. As interfaces de acesso e circulação dessa produção ainda estão em visões de uma web de 2002: tags, rss, xml e segue o trem. Quem ganhar relevância aparece, que num ganhar some na rede e vira caso dos Archives. Será que não há que podemos fazer não para regular visões, mas para melhorar a relevância de um esforço enorme dessa rede e de tantas outras? Ou será que ainda estamos disputando nossos espaços entre si? As APIs são outras, o Xemelê bateu e rebateu e o que a gente pode fazer na web hj era um



sonho em épocas de Recicle1Político.

3. qual a complexidade envolvida em questões de violência, saúde, segurança, cultura etc...? As redes que circulam nessa conversa e compõem as estruturas que geram o problema são conhecidas? Ou será que as soluções fáceis surgem o tempo todo pela simples falta de capacidade de lidar com a complexidade do problema? Será que num dá para deixar isso mais a mostra e ir rebatendo as questões das políticas na paralela, criando espaço de conversa e mostrando novas condições de possibilidade do que ainda não tinha sido visto?

e segue o trem...

abs,  
dalton

**Resposta 41:**

Data: 27 mai 2010

Hora: 11:21

Autor(a): Pedro Aquino<[miraquino@...](mailto:miraquino@...) >

"que eu me organizando posso desorganizar, e eu desorganizando posso me organizar".

Peguei este bonde faz pouco tempo, mas já dá pra dizer, o grau de distribuição desta rede é fantástico e se for pra contabilizar o tamanho da vitória seria como organizar a areia da praia. olhando a complexidade presente, penso que continuar a desconstruir seria ousar uma construção. Escolher uma ação qualquer que pudesse mobilizar a inteligência daqui, sem desmobilizar as ações locais. Só pra escolher a ação já seria um desafio no mínimo interessante. O desafio seria sair um pouco dos bastidores (as vezes tenho impressão que a rede metareciclagem é quase uma eminência parda) e levar algo pra superfície, sem perder autonomia, diversidade e clareza de propósito.

**Resposta 42:**

Título do Email: Questões.

Data: 31 mai 2010

Hora: 19:17

**Autor: Glauco Paiva <glaupaiva@...>**

1) Veja, na minha opinião estamos fazendo um trabalho que foi todo gestado no âmbito das conversações e encontros da rede MetaReciclagem. Todo conceito de nosso trabalho atual nasceu e vem se transformando, se modificando e se adaptando para cada situação que passamos, para cada lugar com suas especificidades. Também surgiram das conversações, as metodologias em que nos apoiamos, a pedagogia da autonomia que bebe na fonte de paulo freire, o teatro do oprimido de augusto boal entre outras foram temas discutidos e usados em nossas oficinas gerando novas formas de apropriação tecnológica e de empoderamento destes equipamentos informacionais.

Como exemplo transformação social me lembro de algumas intervenções que realizamos em bairros periféricos do Grande ABC, São Paulo e cidades do interior. Em Santo André tivemos a experiencia no bairro Sacadura Cabral, onde através da arte aproximamos as pessoas e elas nos ajudaram ativamente na montagem de seu laboratório de informática, desta experiencia nasceu uma micro-empresa que se mantém até hoje, a Informeta.

Em Jarinu montamos outro laboratório com as mesmas características que levou um ponto de acesso a cidade, onde poucos conheciam a internet ou mesmo o computador e o laboratório se transformou num ponto de encontro das pessoas da cidade.

Não posso deixar de mencionar o caso do Parque Escola também em Santo André que em meu ponto de vista foi o embrião para todas as ações que viriam a ser conhecidas como Metareciclagem hoje.

A arte como forma de aproximação e de método lúdico de aprendizado, o aprendizado compartilhado tudo isso foi debatido em lista ou em encontros. Os trabalhos hj desenvolvidos no Parque da juventude são um exemplo dessas conversas aplicadas ao trabalho diário, onde desenvolvemos as oficinas de aproximação com a tecnologia de forma livre e tentamos levar os participantes para um caminho de autonomia e de uso da rede como forma de ampliar seus conhecimentos.

No meu caso específico tenho usado a arte como forma de expressão libertária de conhecimentos, pela arte temos um caminho para o aprendizado tecnológico seja pela produção artística em varias linguagens como o audio e o vídeo mas tb nas formas clássicas de desenho e pintura(que já não são tão clássicas).

A gambiarra entra em nosso trabalho como mais um veiculo de construção de conhecimento de uma estética própria que pode abarcar uma gama muito variada de realidades sócio-culturais e econômicas para a produção de novos significados, essa estética e essa lógica da gambiologia surgiram em discussões na lista e tb em encontros com HD e FF.

Dentro dessa lógica podemos criar com o que tivermos na mão e ser inventivos com muito pouco (pois aqui o pouco é muito) e reciclando e ressignificando estamos atingindo níveis de interação muito interessantes e com desdobramentos que ainda desconhecemos, mas nos apontam saídas possíveis dentro da realidade que trabalhamos.

2) Sim, todas essas características são uma saída para agilizar ou ainda transformar antigos processos de mobilização social.

No âmbito artístico temos projetos colaborativos, onde, jamais conseguiríamos chegar sem esses novos modelos de conversação, agora podemos trocar informações com pessoas distantes, montar e avaliar projetos em tempo real, trocar conhecimento de uma maneira que antigamente nem sonhávamos. Acredito que o melhor exemplo que posso dar é o caso do MetaReciclagem que saiu das conversações para tornar-se política pública, outro caso muito interessante é o da rede HumanizaSUS que faz uma ponte entre políticas públicas de saúde e o próprio usuário, nesta rede pude ver (quando montamos a exposição da Política Nacional de Humanização da Saúde) onde tínhamos dispositivos de interação do usuário (sala de gravação de vídeos e acesso direto a lista via ponto de acesso na própria exposição e ainda pelo livro de visitas online onde eram postadas mensagens direto na rede).

Outro exemplo que posso usar e que bastante usual para mim é a troca de ideias sobre projetos entre HD, eu e o FF no caso do Projeto Desvio. Não poderia deixar de falar no AcessaSP onde toda essa tem experiência tem culminado no uso criativo de tecnologias e ainda podemos influenciar diretamente o uso e de tecnologias e fomentar a troca de conhecimentos.

Hoje estou trabalhando diretamente no MetaProjeto, um espaço de troca de conhecimentos que fica ao lado de um grande posto de acesso a internet, neste espaço podemos experimentar, junto aos usuários do posto novas formas de trocar idéias, de manifestação em rede de produção de subjetividade oferecendo oficinas de Metareciclagem, produção audiovisual (podcast, edição de vídeo e áudio, fotografia digital com equipamentos simples e celulares, produção de blogs, animação 2D) assim acreditamos que podemos gerar um empoderamento da tecnologia que vai além do mero uso de emails e do Orkut (sem deixá-los de lado é

claro) nesses casos temos uma oficina de internet que integra todos esses pontos tão procurados pelo público leigo. Usando estes exemplos e outros de mais de uma dezena de projetos que participamos juntos, em prefeituras, governo federal e estadual.

beijo

grauki

**Resposta 43:**

Data: 07 jun. 2010

Hora: 17:10

**Autor: Ricardo Kobashi <ricardokobashi@...>**

A experiência observada no Meta, com o de uso de listas, blogues, conversações e a atuação descentralizada apoiada pela internet, trouxe elementos importantes para implantar o que chamamos de Gestão ao Vivo no programa ACESSA SP. Apesar das grandes diferenças entre os dois projetos, o Meta foi nossa referência mais próxima na construção do modelo particular de gestão adotado pelo ACESSA SP.

## **Resposta 44:**

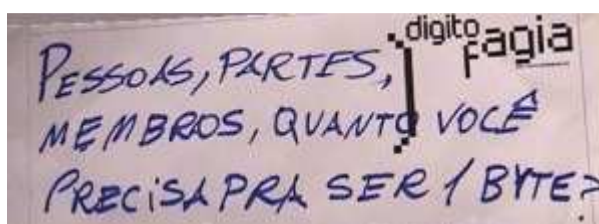
Título do Post: [quanto vc precisa para ser 1 byte?](#)

Data: 22 jun. 2010

Autor(a): dricaveloso

Já faz um tempo em que tento elucubrar sobre o que a metareciclagem significa, inclusive abordei isso no último [artigo que escrevi](#). Em paralelo às minhas pesquisas sobre design de experiência, há uns meses sinto uma demanda constante, tanto do movimento do multirão da gambiarra, como pelas redes por produção de conteúdo e memória digital. Somado à isso aparece a chamada de colaboração para a pesquisa de doutorado do [hdhd](#). Falando nele, enquanto escrevia bateu uma saudades do tempo em que a gente publicava quase toda semana na [buzzine](#), até hoje mantida por ele.

Não era bem essa a idéia desse post, mas escrevendo em diferentes tempos – comecei a escrever sobre as zonas de colaboração lá em março – saiu um apanhado de memórias que me fizeram voltar à associação do metarecicleirx ao ator-rede do Bruno Latour. E são estes fragmentos de experiências que coloco para serem colados no mosaico da rede metarec.



Fragmentos Digitofágicos

### **Memórias afetivas**

Aliás, falando em buzzine e em publicação tem um caso das antigas sobre o marketing hacker de quando estudávamos – eu dpadua e metal – ainda no uni-bh. Havia escrito um [texto pra buzzine](#) e queria aproveitá-lo pra uma disciplina de



redação jornalística. Fui pro laboratório da faculdade pegar o texto online e imprimir. Chego lá e o domínio tava bloqueado por conta de um firewall estúpido que marcava palavra e, claro, hacker estava na lista. Fiquei tão indignada que escrevi um mail pro suporte de informática da faculdade (onde os meninos trabalhavam) beeeem mal humorado, afinal tinha perdido o prazo de entrega do trabalho confiando na publicação na rede. O desenrolar da coisa foi que ao mesmo tempo em que a turma do setor lá de informática curtiu a reclamação e pode questionar de fato os parâmetros do firewall, teve outros que não apreciaram tanto a crítica e mal humor. Resultado foram uns 300 mails seguidos de spam num e-mail do terra gerados a partir de script que metal havia feito...

Prosseguindo nas elucubrações para registrar um pouco dos pensamentos flutuantes sobre o que rola na rede metareciclagem que contribue pra gerar apropriação da tecnologia e transformação social vou levantar algumas possibilidades. Seria mais simples explicar que rolou uma afinidade de uma turma que usava internet freneticamente no começo do século e que juntaram as experiências e inspirações até a conformação dessa rede. Mas não foi só isso que ocorreu. Entendo aquele momento inicial quando tudo era – *meta alguma nova idéia genial* – muito mais como uma convergência de pessoas um pouco nerds, definitivamente curiosxs sobre novas tecnologias, trocando idéias e conhecimento. Vale lembrar que o termo metareciclagem surgiu como insight borbulhante entre mais de cem mensagens diárias que rolavam na lista metáfora. Era muita elaboração de idéias. Nunca mais vi ou participei de algo tão intenso virtualmente que fosse semelhante.

### **Retroalimentação**

Pra mim aquela situação originária da metareciclagem enquanto prática e definição de seu conceito já era uma super apropriação tecnológica que estava gerando muita transformação social (cuja dimensão só percebemos nos anos seguintes). Mudança inicialmente de nós mesmxs envolvidxs, influência nas políticas públicas de ‘inclusão digital’, em outros movimentos políticos e sociais e essencialmente replicação. Muita replicação incontrolável. Mesmo antes de discussões elaboradas

sobre direitos autorais e formas de licenciamento livre havia um consenso sobre o compartilhamento como princípio, afinal operávamos em um wiki. E aquilo tudo **simplesmente fazia muito sentido**. Acho que foi o único projeto dos tantos que saíram da lista metáfora que se tornou um **conceito, uma prática e uma rede**.

### **Subvertendo**

Não quero aqui dar exemplos de projetos ou esporos de metareciclagem onde visivelmente houve transformação social, econômica, etc. São muitos. Citar um e deixar de falar de outro pode não ser muito coerente com a idéia de rizoma-rede. O essencial sobre a metareciclagem é sua capacidade de mudar pessoas, que conseqüentemente interferem em lugares e sobretudo em práticas.

Neste exercício de memória e reflexão o que mais chama a atenção é o fato da dimensão que as idéias tomaram, como fugiram do controle e se replicaram, se transformaram e tornaram-se fluxo. Afinal quem imaginaria lá em 2002 que hoje metareciclagem teria chegado a tantas pessoas que a entendem como práticas, idéias, conceito, redes, estilo de vida, etc...

Publicado em [insights](#), [metareciclagem](#), [opinião](#) | Etiquetas: [afetos](#), [colaboração](#), [conceito](#), [digital](#), [fluxo](#), [memória](#), [prática](#), [rede](#)